

# Obras não decolam

Página Central



**\* Entraves burocráticos prejudicam a capacidade de transporte nos voos**

**\* Pesquisa aponta problemas na operação simultânea dos terminais**

**Aeroportos** O aumento da demanda por viagens de avião no Brasil tornou comuns os terminais lotados e os atrasos de voos, submetendo milhares

de passageiros a situações de estresse e grande desconforto. O governo precisa lidar com um desafio imposto por esse crescimento: o de reformar os

aeroportos para ampliar a sua capacidade. Em Porto Alegre, no Salgado Filho, a situação não é diferente. Obras e projetos estão por todos os lados, mas as

dificuldades para cumprir prazos são evidentes. Para reforçar o atendimento, o superintendente do aeroporto, Jorge Herdina, aposta na otimização dos

serviços em todas as paradas do passageiro dentro do terminal, como check-in, inspeção pré-embarque e embarque.

FOTOS: FLÁVIO DUTRA/JU



ALIMENTAÇÃO

**O que garante a qualidade dos produtos que consumimos**

P5

## Por que a UFRGS é a terceira melhor do país

O resultado mais recente do Índice Geral de Cursos (IGC) indicou a UFRGS como a terceira melhor universidade brasileira, com 4,30 pontos e conceito 5. Para o secretário de Avaliação Institucional, Gilberto Cunha, o sistema avaliativo atual é um avanço em relação a instrumentos anterior-

es, como o "Provão". Ele diz que esse resultado está relacionado à criação do Reuni, que permitiu a reposição de parte do quadro de técnicos e docentes. Para atender a uma solicitação do MEC, em 2012, a Universidade deve elaborar propostas de adesão a órgãos internacionais de avaliação. **P7**

## Síria: risco de guerra civil põe minorias em perigo

Relatório sobre a crise síria, apresentado ao Conselho de Direitos Humanos da ONU e enviado ao JU pelo diplomata brasileiro Paulo Sérgio Pinheiro, aponta sistemáticas violações dos direitos humanos cometidas por militares, forças de

segurança e milícias pró-governo. Embora os protestos contra Bashar al-Assad já durem um ano, uma intervenção militar internacional está descartada, devido à importância geopolítica do país e à sua aliança com o Irã. **P10**

**Garry Kasparov**  
Rússia paga alto preço por arremedo de capitalismo **P4**

**JU 15 Anos**  
Reportagem destaca as mudanças nas formaturas **P6**

ORHAN PAMUK

**O papel do escritor e o futuro dos livros**



P12

## Espaço da Reitoria

Carlos Alexandre Netto  
Reitor

# Tempo de conquistas e de compromisso

O ano que se encerra foi de conquistas; a mais relevante foi a consolidação da expansão acadêmica com qualidade. O curso vestibular 2012 oferece 5.290 vagas, um crescimento de 750 em relação ao de 2007, sendo 24% delas em cursos noturnos. Por outro lado, a recente divulgação do Índice Geral de Cursos (IGC), que pondera a avaliação da graduação pelo Enade e da pós-graduação pela Capes, traz a UFRGS como a segunda melhor Universidade Federal e a mais bem posicionada entre todas as instituições com mais de 40 cursos avaliados. No cenário internacional, o *Webometrics Ranking Web of World Universities* atestam nossa posição de liderança na América Latina.

Avanços institucionais também são notáveis. Mesmo com o represamento dos concursos de 2011 relativos ao Programa Reuni, foram nomeados 209 docentes e 180 técnicos-administrativos. E há mais de 100 editais de concursos docentes abertos, sendo 22 para a categoria de Professor Titular, antigo anseio da comunidade e que só foi viabilizado

após intenso trabalho normativo.

A infraestrutura física é objeto de inédita renovação. Estão em andamento obras e reformas que perfazem 20 mil metros quadrados e o licenciamento para novos projetos atingiu um fluxo constante. Prova disto são as mais de 30 obras em licitação, dentre elas o Restaurante Universitário 6, o Restaurante do Bloco 4, a nova garagem para o Grupo Frota e o Almoxarifado para os RUs (todas no Câmpus do Vale). Também foi marcante a execução financeira. Apesar do contingenciamento federal iniciado em março, a Universidade foi capaz de executar toda cota prevista de passagens e diárias e recuperou os 10 milhões de reais retidos do custeio; os recursos de capital para equipamentos e obras, bem como de pessoal atingiram o máximo da história recente, corroborando constante crescimento do orçamento global.

A partir desses elementos de realidade, o ano de 2012 se configura pródigo. O início de inúmeras obras, dentre as quais o acalentado Parque Tecnológico, a liberação

de concursos de docentes e de servidores técnico-administrativos, a fase final do Programa Reuni e o início das atividades de interiorização no Litoral Norte e Serra Gaúcha. Todas essas ações estão alinhadas com o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), também iniciativa pioneira da gestão.

A UFRGS avança de forma sólida na constituição da excelência acadêmica, um projeto que vem sendo trabalhado em diversas instâncias e tem seu alicerce na qualificação de seus quadros (docente, técnico e discente) e na visão institucional definida no PDI. Este é o desafio e o nosso compromisso para 2012, com a clareza de que se trata de um projeto arrojado e de fôlego.

O final do ano é marcado por esperança e renovação de princípios e objetivos. E a Universidade é a instituição da construção do futuro, do compromisso com o resgate da cidadania e da responsabilidade de fazer um mundo melhor e mais solidário.

Boas festas e feliz 2012 !

**UFRGS**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
Av. Paulo Gama, 110 - Bairro Farrópilha, Porto Alegre - RS | CEP 91046-900  
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

**Reitor**  
Carlos Alexandre Netto  
**Vice-reitor**  
Rui Vicente Oppermann  
**Chefe de Gabinete**  
João Roberto Braga de Mello  
**Secretário de Comunicação Social**  
Flávio Porcello

JORNAL DA UNIVERSIDADE  
Publicação mensal da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS  
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497

**Conselho Editorial**  
Cassiano Kuchembocker Rosing, Cesar Zen Vasconcellos, Daltro José Nunes, Edison Luiz Lindner, Fernando Cotanda, Flávio Porcello, Maria Heloisa Lenz, Maria Henriqueta Luce Kruse, Ricardo Schneiders e Rudimar Baldissara  
**Editora**  
Ánia Chala  
**Repórteres**  
Caroline da Silva, Everton Cardoso e Jacira Cabral da Silveira  
**Projeto gráfico**  
Juliano Bruni Pereira  
**Diagramação**  
Gustavo Demarchi  
**Fotografia**  
Flávio Dutra  
**Revisão**  
Antônio Falcoetta  
**Bolsistas**  
Dalaine de David, João Flores da Cunha e Luiz Eduardo Kochham (jornalismo) / Elisa Bortolini (fotografia) / Victória Zdanski Chiro (Relações Públicas)  
**Circulação**  
Márcia Fumagalli  
**Fotolitos e Impressão**  
Gráfica da UFRGS  
Tiragem 8 mil exemplares

## Mural do leitor

jornal@ufrgs.br

### Antes do baile

Atendendo ao pedido veiculado pelo apreciado Jornal da UFRGS, o qual recebo mensalmente e leio com muito apreço, encaminho uma fotografia e uma pequena história, assim como se apresenta à minha memória.

Estávamos no ano de 1952. O CEUE decidiu comemorar o aniversário da Escola de Engenharia com um baile. Coube-me a tarefa de organizá-lo. Na época, o Instituto de Física detinha duas grandes salas de aula situadas nas proximidades do prédio da reitoria (entre esse e o prédio do Curso de Química). Tais salas foram cedidas ao CEUE para a realização do baile. A foto ao lado (extraída do fundo do baú) mostra-me em atividade, na preparação do baile, manipulando corpos-de-prova de concreto de testes já executados pelo Instituto Tecnológico, para com eles criar as bordas do caminho que iria levar ao local do baile. O baile foi realizado com sucesso, registrando-se a honrosa presença do então reitor, professor Elyseu Paglioli.

Acrescento um registro histórico pessoal:

convidei para o baile em questão, enviando um buquê de rosas, uma moça com quem na época eu sonhava. Para minha alegria ela compareceu, acompanhada de familiares (costume da época) e na ocasião firmamos namoro (estilo antigo). O resultado: 56 anos de casamento, com três filhos e sete netos! Naquela época eu era diretor social do movimento pró viagem de estudos - MPVE 50-54 (que visava viagem ao exterior, no final do curso de Engenharia) e, por isso, inúmeros bailes e reuniões dançantes organizei.

Passado tanto tempo não posso asseverar que o baile em questão tenha sido o precursor dos "Bailes da Reitoria", mas creio não arrear seriamente a verdade histórica ao considerá-lo como tal. Esperando que essa equipe tenha o maior sucesso na busca e na pesquisa, envio cordiais saudações.

► **Jorge Otávio de Carvalho Armando, engenheiro e professor aposentado da Escola de Engenharia da UFRGS**

## Memória da UFRGS



JORGE OTAVIO ARMANDO/ARQUIVO PESSOAL

### 1952

O então estudante de Engenharia Jorge Otávio de Carvalho Armando trabalha na preparação do baile para comemorar o aniversário da Escola. Ele utiliza corpos-de-prova de concreto [objetos cilíndricos ou prismáticos de concreto, destinados a ensaios para determinação das propriedades desse material] a fim de criar um caminho que iria levar ao local do evento.

## Artigo

# Ciência Sem Fronteiras – rumo à Universidade de Excelência

O decreto que regulamenta o Programa Ciência Sem Fronteiras foi assinado pela presidente Dilma Rousseff no dia 13 dezembro de 2011. Lançado em 26 de julho deste ano, esse programa é uma ação conjunta dos Ministérios da Educação (MEC) e o da Ciência e Tecnologia (MCT), e prevê a concessão de 100 mil bolsas de estudo no exterior até 2015, 75 mil das quais financiadas pelo governo federal e 25 mil pela iniciativa privada. Seu objetivo é "a formação de recursos humanos altamente qualificados nas melhores universidades e instituições de pesquisa estrangeiras, com vistas a promover a internacionalização da ciência e tecnologia nacional, estimular pesquisas que gerem inovação e, consequentemente, aumentar a competitividade das empresas brasileiras".

A iniciativa ocorre no mesmo ano em que a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Docente (Capes) do MEC e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) do MCT completam 60 anos. Ela se insere nas metas estratégicas da 4.ª Conferência Nacional de Ciência Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Sustentável (Livro Azul, 2010) e também do *Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG) 2011-2020*. É, portanto, um programa que concretiza uma necessidade amadurecida na comunidade acadêmica brasileira. Ele é fruto de planejamento integrado e articula-se com políticas estratégicas.

O país vem assumindo nos últimos anos pa-

pel social e econômico de destaque no cenário mundial. Uma junção de fatores abriu uma "janela de oportunidades". "O Brasil entrou no século XXI como uma nova potência emergente, com a perspectiva de tornar-se a quinta economia do planeta no decênio 2011-2020. Trata-se de um fato extraordinário, revelando que o país vem passando e deverá passar mais ainda por mudanças profundas em segmentos importantes da economia, com reflexos na geopolítica mundial e impactos em diferentes setores da sociedade, inclusive no sistema educacional, aí incluído o ensino superior" (PNPG 2011-2020). Embora a ciência brasileira tenha crescido substancialmente no passado recente, seu impacto internacional é relativamente reduzido. As conquistas sociais e econômicas do país são referenciadas por várias nações. Considerando a importância da formação acadêmica numa sociedade do conhecimento, esse descompasso deve ser superado. De fato, "a ciência, a tecnologia e a inovação são importantes motores da transformação econômica e social dos países" (Livro Azul, 2010). O Programa Ciência Sem Fronteiras é um passo essencial nessa afirmação internacional da ciência e dos cientistas brasileiros.

Na década de 1970 e 80, quando o sistema de pós-graduação brasileiro começava a se afirmar, o doutoramento no exterior era uma necessidade em muitas áreas. Nas últimas três décadas, de forma eficiente, construiu-se um sólido e respeitável sistema para a formação de doutores

no Brasil. Hoje, a qualidade da formação acadêmica e a produção científica em muitas áreas do conhecimento são competitivas internacionalmente. Não há mais a necessidade imperiosa de doutoramento no exterior para termos recursos humanos qualificados. Essa fase foi superada. A partir daquele período inicial, que poderia ser caracterizado como de sobrevivência, o número de bolsistas brasileiros estagiando no exterior reduziu-se drasticamente. No entanto, mais recentemente, várias universidades, inclusive a nossa, visualizaram a necessidade de uma formação acadêmica global. Formação essa que passa a ter objetivo de desenvolver lideranças. Atualmente, apenas a titulação não basta numa sociedade baseada no conhecimento: é preciso formar lideranças com suporte acadêmico que possam competir num cenário definitivamente globalizado.

Assim, nesse momento, um programa de internacionalização da formação acadêmica é necessário. No entanto, o Brasil encontra-se numa situação muito diferente daquela de quatro décadas atrás. Hoje, muitas de nossas universidades e laboratórios de pesquisa podem e devem receber estudantes e professores de outros países. A reciprocidade nas nossas relações internacionais deve ser defendida.

As universidades de excelência estabelecem a inserção internacional da formação de seus estudantes e da produção científica como prioridades estratégicas. O Ciência Sem Fronteiras se posiciona

na perspectiva do desenvolvimento e aprofundamento da excelência acadêmica da universidade brasileira. A UFRGS está determinada a se consolidar no cenário internacional como Universidade de Excelência. E a internacionalização está diretamente relacionada à excelência acadêmica.

O desafio do Programa Ciência Sem Fronteiras é enviar bolsistas para o exterior. No entanto, desafio ainda maior será criar condições no Brasil para o retorno e a fixação dos pesquisadores brasileiros e estrangeiros que queiram aqui trabalhar na academia ou no setor produtivo. O sem Fronteiras deverá estimular o desenvolvimento de um Programa de Universidades de Excelência Internacional. Expor nossos estudantes a um ambiente globalizado é necessário, mas nossas instituições de ensino fundamental, médio e superior também devem ter perfil competitivo internacional. O grande mérito dessa iniciativa é o de abrir as fronteiras e nos colocar como atores do cenário mundial. Nesse processo, possivelmente, o Brasil seja "contaminado" pela importância do conhecimento e da inovação para o progresso e o bem-estar social. A valorização do professor de qualquer nível de formação acadêmica, como porta-voz desse conhecimento, será uma meta a ser conquistada.

**Aldo Bolten Lucion**  
pró-reitor de Pós-graduação da UFRGS



O prédio do Instituto Parobé, juntamente com o do antigo Instituto de Química, é um dos que será contemplado pelas obras de restauração

## Patrimônio histórico

# Secretaria define metas para 2012

Em 8 de dezembro, ocorreu a 12.ª edição do Dia da Doação, campanha que a Secretaria do Patrimônio Histórico (SPH) realiza para captar recursos destinados à restauração dos prédios históricos da UFRGS.

Dos doze prédios incluídos no projeto de restauro, amparado pela Lei de Incentivo à Cultura, sete já foram entregues, sendo que o oitavo, o prédio da Engenharia está em fase de conclusão.

De acordo com o secretário do Patrimônio Histórico da UFRGS André Luis Martinewski, “além do congratamento entre as pessoas e empresas que fazem as doações, tínhamos um segundo objetivo que era alcançar os 20% da captação do projeto aprovado pelo Ministério da Cultura para o restauro do prédio do Instituto Parobé. Isso porque, o valor que tínhamos arrecadado até então estava abaixo desse índice e, caso não atingíssemos os 20% até o final de 2011, o projeto não seria

prorrogado. Por isso, procuramos concentrar as doações no Parobé, no que fomos bem-sucedidos”.

Martinewski destaca ainda que, em termos do montante de recursos, a maioria das doações vem de empresas. “No entanto, é importante frisar que o nosso projeto de preservação é o que mobiliza o maior número de pessoas físicas no país. Isso nos enche de orgulho, porque contribuir com iniciativas como essa não é uma prática comum no Brasil. Por conta desse dado, a gente acredita que, além de preservar o patrimônio da Universidade, estamos contribuindo para o processo de transformação de uma cultura”, observa.

**Parobé** – Criado em 1906 o Instituto Técnico Profissional, depois designado Instituto Parobé, constituiu-se na mais importante escola técnica do Rio Grande do Sul. Formava mestres e contramestres para as áreas da cons-

trução mecânica e civil, marcenaria e artes gráficas. Entre 1908 e 1928, o Instituto funcionava nos prédios hoje denominados Château e Castelinho e em outros pavilhões posteriormente demolidos. A expansão das atividades da escola exigiu uma nova sede exclusiva para a seção masculina que se transferiu, em 1928, para a imponente edificação que hoje se destaca na paisagem urbana. O Parobé abriga, atualmente, os cursos de graduação e pós-graduação em Engenharia Mecânica, bem como o Museu do Motor.

As obras de restauro do Parobé incluem intervenções no módulo central e adequações para atender à Lei de Acessibilidade – com a instalação de uma torre para elevador e sanitários com acesso facilitado para cadeirantes.

O secretário informa que, além do Parobé, será reformado o antigo Instituto de Química: “Pretendemos iniciar a restauração e a adequação do módulo central do prédio com a insta-

lação de elevador, rampas e sanitários adequados à Lei de Acessibilidade”. Ele acrescenta que, ao mesmo tempo, a Secretaria irá iniciar a preparação de uma das duas alas laterais do prédio, mas que isso dependerá da realocação dos setores que hoje funcionam nesses locais.

**Como doar** – Pessoas físicas que quiserem contribuir para a campanha poderão deduzir do imposto de renda devido, na Declaração do Imposto sobre a Renda, 100% do valor doado, sendo que o limite para as deduções é de 6% do imposto devido. Já as pessoas jurídicas tributadas com base no lucro real poderão deduzir do imposto de renda devido, os valores destinados a projetos culturais. O limite para essas deduções é de 4% do imposto devido. Mais informações podem ser obtidas pelos telefones 3308-3018 e 3308-4216 ou através do e-mail predios.historicos@ufrgs.br.

## Intercâmbio

# Abra as portas de sua casa para o mundo

Viajar não é mais a única opção para quem quer fazer um intercâmbio. A Secretaria de Relações Internacionais (Relinter) desenvolve um projeto com o objetivo de proporcionar aos nossos alunos, ou a pessoas que possuem vínculo com a UFRGS, uma oportunidade de trazer a cultura de algum país estrangeiro para dentro de sua casa.

O projeto Intercâmbio em Casa consiste em alugar um quarto em sua residência, ou dividir apartamento com algum aluno estrangeiro que venha estudar na Universidade, na condição de aluno visitante. O intercâmbio traz benefícios mútuos para ambas as partes: o estudante brasileiro poderá praticar uma língua estrangeira, imergir em outra cultura, partilhar experiências, fazer novas amizades, estabelecer contatos internacionais, agregar conhecimento, internacionalizar sua maneira de pensar, etc. Já o estudante estrangeiro terá uma integração efetiva na cultura brasileira, fará amigos mais rapidamente, poderá

praticar a língua portuguesa com maior frequência, terá uma base de apoio que se assemelha a sua família no país de origem e compartilhará sua cultura e experiências no novo ambiente. Para se tornar um intercambista em casa o eventual hospedeiro deverá seguir os seguintes passos:

- preencher e trazer à Relinter um formulário com informações pessoais e da sua residência (disponível no endereço <https://paginas.ufrgs.br/relinter/portugues/menugeral/aluno-ufrgs/intercambio-em-casa>). O documento deverá ser assinado em nossa Secretaria, na presença de algum funcionário;

- apresentar CPF, RG e algum documento que prove o vínculo com a Universidade (cartão da UFRGS ou comprovante de matrícula), bem como entregar uma cópia de cada um destes documentos.

## Infraestrutura

# Câmpus do Vale terá novo restaurante

Foi assinado em 22 de dezembro o contrato com a empresa responsável pela obra de construção do prédio do Restaurante Universitário 6, a ser instalado no Câmpus do Vale.

O novo estabelecimento será construído em área do Bloco 4 do Câmpus, próximo aos institutos de Biociências e Informática. Com uma área de aproximadamente 3.500 m<sup>2</sup> o RU6 será o primeiro dos restaurantes da UFRGS construído com acessibilidade universal e sustentabilidade ambiental. Um sistema de reaproveitamento d'água reduzirá o consumo em 20%. Também serão respeitadas as chamadas BPF (Boas Práticas de Fabricação) para área de alimentação, que inclui instalações adequadas para a produção das refeições de maneira higiênica e eficiente.

O prédio foi projetado para ser um restaurante moderno, com fluxos de entrada e saída de trabalhadores e

usuários. Além disso, está prevista área para o prolongamento da fila de entrada no estabelecimento e área de convivência, ambas abrigadas no térreo do edifício. Serão 480 assentos e capacidade para servir 2.400 refeições diárias, aumentando em 80% a capacidade dos restaurantes na área do Vale. A construção custará R\$ 5,3mi e terá recursos do Tesouro Nacional e do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – Reuni.

O reitor Carlos Alexandre Netto destacou a importância da assinatura desse contrato por envolver uma obra de incremento nas condições de assistência estudantil. “É muito significativo por ser um aparelho da assistência estudantil, que é fator de adesão e permanência nos cursos”, comentou. Ele também agradeceu a todos os setores que trabalharam nas diversas fases do projeto, licenciamento, licitação e contrato.



**UFRGS TV**

Efêmera Arte

## Teatro, Pesquisa e Extensão

O programa Efêmera Arte estreou há dois anos na programação da UFRGS TV. De lá pra cá, foram quatorze episódios, mostrando os bastidores e o processo de criação dos espetáculos que compõem a mostra Teatro, Pesquisa e Extensão (TPE) do Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da UFRGS. Em janeiro e fevereiro, a UNITV irá reprisar todos os episódios da segunda temporada do programa.

Além de contar com imagens das peças e dos bastidores, Efêmera Arte mostra entrevistas com diretores, elenco e orientadores das produções teatrais, discute sobre o fazer teatral contemporâneo e apresenta os aspectos que compõem a concepção de um espetáculo.

No primeiro episódio, apresentamos “Noite de Walpurgis” – peça que conta a história de dois personagens que se encontram para planejar a morte de seus pais noite após noite. Seu jogo acaba os levando a muito além do esperado.

“Quando as Máquinas Param” retrata uma época de crise econômica de um Brasil marginalizado e decadente. Os personagens lutam para se manterem íntegros e morais em uma sociedade devastada pela insustentabilidade financeira.

Com uma linguagem que mistura ficção e realidade, a peça “A Mulher de Putifar” aborda, através da metáfora da loucura, diversos níveis de representação, enquanto a atriz vive a si mesma e a personagem.

“Experimento Nelson 4 – OT/TO” propõe outra visão sobre o clássico “Bonitinha mas Ordinária”, de Nelson Rodrigues. Nessa narrativa repleta de referências pop e narrada pelo personagem Otto, o grupo revela o mundo do autor em uma perspectiva agressiva e contemporânea.

“PT Saudações” conta a história de Dona Corina, uma senhora que tenta vencer a solidão que a oprime, buscando a amizade de um carteiro que aparece no dia de seu aniversário para lhe entregar um telegrama.

“(E)terno” é um mergulho nas biografias da atriz Tefa Polidoro e de sua mãe, que, juntas, enfrentaram o abandono de um pai e marido nos primeiros anos de vida da atriz. No espetáculo, podemos ver memórias sendo sublimadas em uma linguagem poética e universal.

O último espetáculo de 2011, “Faustina”, surgiu a partir de partituras corporais em que se procura tornar visível, ainda que de forma não linear, a história de Faustina, a imperatriz romana que, em busca de liberdade e autoafirmação, comete uma traição com terríveis consequências.

\*Celso Zanini, estudante de Bacharelado em Teatro - UFRGS

## Assista aos programas

As reprises da edição 2011 do TPE serão exibidas a partir de janeiro, sempre às quartas-feiras, às 20h e às 23h, na UNITV, pelo canal 15 da NET POA.



# “o xadrez não é exclusivo de uma classe social”



FLAVIO DUFRAY/JU

**Garry Kasparov**  
*O enxadrista e político russo fala sobre o papel social do jogo e analisa a política e a história recente de seu país*

Everton Cardoso

Quando o maior jogador de xadrez de todos os tempos, o russo Garry Kasparov, desafiou vinte personalidades gaúchas para uma partida simultânea, sua fama causou furor no centro da capital. Dentro e fora do anexo do chalé da Praça XV, pessoas se acotovavam para ver o ídolo, tirar fotos e pedir autógrafos. Todos queriam pelo menos ver o maior campeão de todos os tempos, que esteve no topo do ranking mundial de 1985 até 2005, ano de sua aposentadoria. Para decepção da plateia, o enxadrista apenas fez a jogada inicial em cada tabuleiro; o restante do jogo ficou a cargo de Giovanni Vescovi, um dos maiores enxadristas brasileiros na atualidade. Kasparov esteve em Porto Alegre para participar do seminário Fronteiras do Pensamento e concedeu entrevista exclusiva ao JU. Na conversa, o desportista e hoje político russo abordou temas relacionados ao xadrez e seu papel social. Ele também faz duras críticas à situação atual de seu país e ao governo de Vladimir Putin.

## Como o xadrez pode contribuir para tornar a sociedade melhor?

As pessoas normalmente têm muitas expectativas em relação ao xadrez. É só um jogo; não pode resolver os problemas acumulados em nossas sociedades ao longo de décadas. Ao mesmo tempo, ele é uma ligação entre várias atividades. É, obviamente, um esporte porque há uma disputa entre dois indivíduos. Tem elementos de arte, pois pode ser gravado e as pessoas podem apreciar a beleza de partidas que foram jogadas há bastante tempo. E tem algo de ciência, já que pode ser estudado sistematicamente. Na contemporaneidade, com os avanços

dos computadores, é um campo propício para vários experimentos. Se considerarmos o contexto escolar, diferentemente de outros esportes, o xadrez é um jogo que não pertence exclusivamente a uma classe social. No caso dos Estados Unidos, por exemplo, o basquete envolve só um lado da sociedade; o tênis e o golfe, o outro extremo. Mas o xadrez agrega crianças de diferentes grupos sociais.

## Que possibilidades esse esporte pode oferecer ao Brasil?

Pelo que tenho visto dos esforços governamentais na educação, acho que é possível que aqui o xadrez possa integrar crianças de bairros carentes à vida social do país; e oferecer uma oportunidade para convencê-las de que ter nascido num ambiente menos favorecido não significa que elas não terão uma chance no futuro. Além disso, pode servir como elo entre a educação tradicional e aulas mais modernas por computador. O que torna esse jogo atraente para as autoridades é o fato de ser barato: precisa-se de tabuleiro e peças; não é necessário investir em infraestrutura. Então, considerando o investimento e o retorno, incluir o xadrez no sistema educacional é uma escolha natural.

## E como o jogo pode incentivar o desenvolvimento intelectual?

Ele ajuda a estruturar o pensamento, porque você tem que analisar o que está no tabuleiro. Apesar de não se saber os pensamentos do oponente, não se pode fazer um movimento sem um plano. O xadrez faz pensar estrategicamente. As crianças, então, disciplinam o mecanismo de tomada de decisões. E isso pode levá-las a abordar um problema não só preocupadas com uma decisão instantânea, mas com os efeitos de suas escolhas.

## O xadrez é popular na Rússia?

Ainda é, mas claro que não existe comparação com a União Soviética (URSS). Não há mais o apoio estatal que havia antes. O xadrez não é mais considerado uma arma ideológica e ser financiada para provar a superioridade do regime comunista. Além disso, hoje as crianças têm muitas outras opções. A URSS tinha oportunidades muito restritas para as crianças, por isso os pais procuravam xadrez, música, balé e outros esportes. Muitas pessoas talentosas

estão deixando o país, pois o governo de Vladimir Putin, atual presidente, desestimula qualquer discordância. Sua administração entende que qualquer força intelectual sempre produz algum tipo de oposição. Então, o desenvolvimento intelectual não é incentivado. O caso do xadrez mostra isso: outras ex-repúblicas soviéticas como Armênia e Azerbaijão estão apresentando resultados muito melhores. Na Armênia, o jogo foi incluído no currículo escolar obrigatório. O presidente da Federação Armênia de Xadrez é o presidente do país, Serj Sargsyan. O time nacional deles é o que teve melhores resultados nos últimos anos, com vitórias internacionais importantes. O apoio do Estado demonstra respeito ao desenvolvimento intelectual, e a inclusão do xadrez no sistema educacional pode ter resultados excelentes.

## “É alto o preço que a Rússia vai pagar por esse arremedo de capitalismo que funciona baseado na lealdade”

### O que levou o seu país a essa situação vivida agora?

É um assunto para muita discussão. Ainda temos muitos debates entre cientistas e atores políticos sobre o efeito da Perestroika – processo de abertura política promovido pelo governo de Mikhail Gorbachev a partir de 1985 –, o colapso da União Soviética e os primeiros anos de Boris Yeltsin (1991-1999). Talvez pudéssemos ter evitado o cenário triste que resultou no que vivemos hoje, mas isso é uma interrogação. O país passou por um processo de transição massiva do sistema de propriedade e empresas estatais para um mercado aberto e não regulado. Mas essa transição não foi do comunismo para um capitalismo baseado na lei e na segurança para a propriedade privada. Antes, se gastava muito para dar prestígio ao regime comunista e ao país. Hoje, os governantes querem é acumular dinheiro para si mesmos, sem

dar atenção à infraestrutura. Na União Soviética, havia muitos investimentos na construção de estradas – não de muito boa qualidade, claro – e em alguns elementos de seguridade social, saúde pública, enfim, tínhamos serviços básicos. Minhas palavras não devem ser tomadas como um lamento pelo fim do regime soviético, mas hoje os investimentos sociais não são prioridade. Tivemos uma chance, no início dos anos 1990, de formar uma coalisão que pudesse fazer reformas reais, como o que foi feito por Yeltsin. Estamos aprendendo, mas é alto o preço que o país vai pagar por esse arremedo de capitalismo que funciona baseado na lealdade, como ocorria nos tempos comunistas. Você pode desobedecer às leis, pode roubar – e isso acontece regularmente –, não importa, desde que você seja leal ao governo vigente. A lealdade é um fator-chave de sucesso na estrutura governamental russa. É como um câncer, tem raízes em todas as camadas da sociedade.

### E quanto à liberdade?

Você pode ser tão livre quanto quiser, desde que suas visões políticas sobre Vladimir Putin não sejam negativas. No momento em que você se opuser – não como político, mas como crítico do governo – terá problema. Na Rússia de Putin, há uma censura estabelecida: você não tem espaço na televisão ou em qualquer mídia de grande alcance para criticá-lo. Há apenas uma pequena parte – normalmente jornais ou rádios menores – em que você tem essa liberdade. Mas eles normalmente repercutem numa pequena parcela da sociedade. Eu, por exemplo, não tenho aparecido na televisão, nas principais estações de rádio e em jornais de circulação nacional há muitos anos. O mesmo acontece com outras pessoas com visões semelhantes sobre Putin. Qualquer atividade política está restrita, porque você não pode registrar um partido sem consentimento. Além disso, não se consegue apoio privado, pois nenhuma empresa na Rússia vai financiá-lo por medo da repressão imediata.

### Ainda assim, é possível participar da vida política do país?

Se você quiser adotar uma postura crítica, tem que estar ciente de que vai ter todo tipo de problema: de perder o

emprego a ser preso, então, sua vida pode ser bem difícil. Comparado aos tempos do governo de Gorbachev (1985-1991), há uma clara deterioração das liberdades. Durante o período de Yeltsin, se podia participar de atividades políticas e o país era muito mais livre. Analisando os últimos anos, vê-se que a Rússia, ao invés de ser parte do grupo de nações democráticas – como os Estados Unidos, a Inglaterra e o Brasil –, migrou para o grupo de Zimbábue e Venezuela, em que há muitas restrições. Até mesmo na Venezuela há mais liberdade, pois eles têm uma oposição registrada e ela até ganha algumas eleições. Na Rússia nem isso é possível. Hugo Chávez permite muito mais democracia que Putin em nosso país.

### Como a sociedade russa tem lidado com o recente passado opressivo?

A geração mais jovem realmente não quer aprender com ele. No Brasil, é muito bom vocês estarem pensando sobre o passado recente, querendo aprender a partir dele porque não querem repeti-lo. Os brasileiros desejam que os fantasmas do passado não arruinem o presente e o futuro. Na Rússia, ao contrário, ainda não há preocupação por entender o período dos czares, dos bolcheviques, da Guerra Civil (1917-1923), da Segunda Guerra Mundial e do período stalinista (1922-1953). Há muitos debates que ainda dividem a sociedade. Não temos uma ideia central de como aprender com o passado, porque diferentes grupos estão tirando lições diferentes. Ainda existe uma grande parcela da população que acredita que os tempos do governo de Stalin eram bons porque o país era poderoso. Hoje, muitos dos que trabalham para o Kremlin atacam Stalin ferozmente por sua opressão, mas ao mesmo tempo não atacam Putin, que por vezes atua como um ditador. É triste para a Rússia o fato de que muitas pessoas que poderiam contribuir para o debate falando sobre ditadura no país não querem viver correndo riscos. Aqui, vocês têm consciência de que é preciso informar. Conversei com representantes de governo de várias instâncias, da oposição, de diferentes grupos intelectuais, e o debate é sobre o país. Vocês até podem discordar, mas discutem o que é possível fazer para que o Brasil avance.



Especialistas alertam para a necessidade de um acompanhamento rigoroso desde a fazenda até a mesa do consumidor

# Produção sob controle

FLAVIO DUFRAY/JU



## Alimentação O que garante a qualidade dos produtos e como evitar contaminações

Você, estudante ou servidor da UFRGS, nunca se perguntou o que garante a segurança do arroz e do feijão servidos diariamente nas bandejas dos restaurantes universitários? E nos supermercados, como saber se os produtos em seu carrinho não representam algum risco de contaminação? E ainda temos as feiras populares, em que os alimentos são vendidos diretamente das mãos do agricultor. Saiba que uma complexa rede de fiscalização garante a qualidade daquilo que você consome. São monitorados os perigos físicos – pedaços de madeira, ferro, vidro; químicos, presença de pesticidas, agrotóxicos; e microbiológicos – bactérias e vírus.

A responsabilidade geral é da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). No âmbito estadual, as secretarias de saúde e suas respectivas vigilâncias sanitárias fazem o controle, principalmente nas indústrias. Cabe às vigilâncias municipais a fiscalização do comércio: feiras, restaurantes e serviços de alimentação. Os alimentos importados passam pelo crivo dos ministérios da Agricultura e da Saúde.

“A indústria que mais investe em mecanismos de segurança é a mais fiscalizada. O investimento é diretamente proporcional à inspeção e à conquista de novos mercados”, afirma o professor do Instituto de Ciência e Tecnologia de Alimentos (ICTA) da UFRGS Eduardo César Tondo. De acordo com o docente, é necessário acompanhamento rigoroso de cada estágio de produção, até o momento em que o alimento chega ao prato do consumidor. “As empresas têm de controlar dentro de um enfoque que chamamos de ‘da fazenda ao garfo’, resume.

O especialista do setor de alimentos do Centro Estadual de Vigilância em Saúde (CEVS) Bruno Hoernig faz inspeções em indústrias no Rio Grande do Sul. “Quando vamos às fábricas, avalia-

mos muito a questão dos controles de qualidade. É necessário ter manual de boas práticas de procedimentos. Por isso, trabalhamos *in loco* na indústria: vamos junto ao operador de máquinas e conversamos com ele. É preciso checar se, de fato, aquilo que nos é apresentado por escrito é cumprido”. Hoernig concorda que o trabalho de prevenção de surtos deve passar por todo o processo produtivo. “As boas práticas têm que começar lá no campo, na ordenha do animal ou na retirada de frutas e verduras do pomar. Se um produto não é bem conduzido no campo, pode acarretar problema em toda a cadeia alimentar.”

**Contaminação** – Os produtos de origem animal merecem atenção redobrada. A principal causa de surtos de contaminação no Rio Grande do Sul são as bactérias, especialmente a *Salmonella*. Esse organismo, comum às aves, está presente, por exemplo, em ovos sujos e trincados, utilizados na produção de maionese caseira, que tem comercialização proibida. Sua ingestão pode causar febre, dor de cabeça, náuseas, vômitos, cólicas e diarreia. As intoxicações aumentam na primavera e no verão, devido às festas de final de ano, mas podem ser evitadas com a adoção de boas práticas de higiene em casa.

Nesse sentido, o churrasco também requer cuidado. Afinal, a carne necessita de resfriamento durante todo o estágio de produção até ir ao fogo. A professora do Centro de Pesquisa, Ensino e Tecnologia de Carnes (Cepetec) da Universidade Liris Kindlein ressalta que a obtenção da matéria-prima e sua manipulação são os momentos em que esses alimentos estão mais suscetíveis a contaminações. “A qualidade da matéria-prima repercute diretamente no produto final. Uma matéria-prima altamente contaminada, mesmo sendo processada em temperatura adequada, já terá sofrido as alterações organolépticas e físico-químicas, comprometendo seus atributos e sua vida de prateleira”, explica.

A pesquisadora alerta que o consumidor deve estar atento no momento da aquisição da carne para se proteger contra possíveis falhas de controle. “Deve ser verificada a integridade da embalagem do produto, se está dentro do prazo de validade, se está armazenado em temperaturas corretas e se

não apresenta características físico-químicas alteradas, tais como estufamento, mudanças de cor e viscosidade”, esclarece. O fato de o Brasil ser o maior exportador de carne bovina e de frango do mundo faz com que a produção brasileira tenha um alto nível de prevenção, devido às rigorosas exigências do mercado internacional. “Todas as indústrias que estão sob inspeção veterinária nos âmbitos municipal, estadual ou federal encontram-se aptas a produzir alimentos de origem animal inócuos à saúde do consumidor”, garante Liris.

Por outro lado, um dos erros mais comuns nas indústrias gaúchas está relacionado à rotulagem. “Há uma resolução que diz como deve ser o rótulo dos alimentos embalados, mas existem muitas falhas nesse sentido. Ou porque as empresas não consultam a legislação, ou porque copiam errado de outras. Isso gera um grande índice de problemas que não são sanitários, mas de rotulagem de alimentos, principalmente devido à falta de informações”, aponta Hoernig.

Cada produto tem uma legislação própria para a elaboração de embalagens. Entre os itens obrigatórios estão a presença da tabela com conteúdo nutricional, a lista de ingredientes, a origem, a quantidade total e o lote. Em relação ao prazo de validade, devem ser apresentados pelo menos o dia e o mês quando o período for inferior a três meses; e o mês e o ano para validades maiores.

**Precauções** – O Centro Estadual de Vigilância em Saúde (CEVS) possui diversos programas de monitoramento da qualidade de alimentos. Entre os produtos fiscalizados está a tradicional erva-mate – da qual a região sul representa 94% do consumo brasileiro. “Temos observado que algumas ervateiras, ao processar erva-mate com açúcar, não colocam essa informação no rótulo. Isso representa um risco sério para os diabéticos. Ela também pode trazer sujidades por areia e galhos”, explica Hoernig.

O armazenamento apropriado é mais uma responsabilidade das indústrias. Problemas na estocagem de amendoim e derivados, muito consumidos no estado, podem resultar na reprodução da aflatoxina, substância que causa complicações hepáticas e renais. Farinha de milho, especiarias

e condimentos também são avaliadas, pois o armazenamento indevido implica a presença de sujeira, inclusive fezes e pelos de animais.

O técnico da CEVS faz alerta especial para o palmito, vegetal com alto risco de intoxicação em função da bactéria *Clostridium botulinum*. “Na sua multiplicação, ela libera uma toxina que pode causar, dependendo da quantidade, até falecimento por parada respiratória. O que se avalia na produção do palmito é se o PH está abaixo de 4,5, o que inibe a reprodução da bactéria.” Antes do consumo, é recomendável deixar o vegetal em banho-maria em temperatura de 80°C.

No Brasil, o Programa Nacional para Prevenção e Controle de Distúrbios por Deficiência de Iodo (Pró-iodo), coordenado pelo Ministério da Saúde, obriga a adição de iodo ao sal. A falta de ingestão do nutriente pode causar retardo mental grave em crianças, surdo-mudez, anomalias congênitas e bócio – hipertrofia da glândula tireoide, localizada na região do pescoço. No Rio Grande do Sul, são recolhidas quatro amostras por mês para avaliar o teor da substância, que deve estar na faixa de 20 a 60 mililitros por quilo.

São feitas avaliações do leite e do queijo colonial, pelo Programa Estadual de Qualidade de Produtos Lácteos, de doces de frutas e geleias, sobre a presença de corantes, e de melhoradores em pães pelo Programa de Monitoramento de Aditivos e Contaminantes. O CEVS também monitora a utilização de glúten em determinados produtos, já que entre

1 e 2% da população mundial apresenta intolerância a essa proteína, o que origina danos ao intestino delgado.

O transporte é monitorado por meio de barreiras realizadas em estradas pelas secretarias estaduais da Saúde e da Agricultura. O veículo precisa estar adaptado às condições de segurança que o produto exige – principalmente em caso de necessidade de refrigeração –, além de apresentar licença obrigatória para realizar o serviço. As áreas de portos e aeroportos são responsabilidades da Anvisa.

As possibilidades de contaminação, entretanto, por maior que seja a fiscalização das entidades responsáveis, sempre existem. Último elo da cadeia, o consumidor também deve zelar pela boa condição daquilo que ingere. Por isso, adotar cuidados em casa (*ver Box*) e denunciar casos suspeitos de imprudência ajudam a diminuir o risco de surtos. “É importante que haja a colaboração de todas as partes envolvidas. Para ter segurança, temos de contar com o trabalho engajado e comprometido do produtor, da indústria de alimentos ou de serviços de alimentação, dos supermercados, dos transportadores, dos fiscais, dos consultores e, por fim, do consumidor. Assim, conseguiremos não acabar mas diminuir de forma significativa as doenças transmitidas por alimentos”, afirma o professor Eduardo Tondo.

Luiz Eduardo Kochhann, estudante do 6.º semestre de Jornalismo da Fabico

### Cuidados em casa

Práticas que, se adotadas pelo consumidor, ajudam a diminuir o risco de contaminação por alimentos:

- higienizar mãos, alimentos e utensílios;
- não misturar alimentos crus e cozidos;
- alimentos quentes devem ser servidos em temperaturas superiores a 60°C. Já os frios devem ser mantidos abaixo dos 5°C, e os congelados, entre -12°C e -18°C;
- estar atento ao prazo de validade, lembrando que, após a abertura da embalagem, esse período diminui;
- usar água potável para cozinhar e beber;
- e cozinhar totalmente os alimentos, principalmente carnes.

O consumidor pode fazer denúncias à Vigilância Sanitária Estadual pelos telefones 3901.1127 ou 3901.1128 e pelo e-mail alimentos-dvs@saude.rs.gov.br. Também é possível reclamar diretamente na Anvisa no site [www.anvisa.gov.br](http://www.anvisa.gov.br), pelo e-mail [ouvidoria@anvisa.gov.br](mailto:ouvidoria@anvisa.gov.br) ou pelo telefone (61) 3462.5772.



POA PRODUÇÕES/DIVULGAÇÃO

## Celebração de uma escolha

Trícia Albuquerque se formou em Biologia aos 22 anos em outubro de 1996 (em decorrência de uma greve) e nunca se arrependeu da escolha do curso. “Quando entrei, queria atuar com o ambiente, mas depois me apaixonei pelo laboratório. O que mudou foi o foco. Fui voluntária na Bioquímica e, logo depois, consegui bolsa. Tive a sorte de me descobrir cedo. Hoje tenho várias oportunidades e estou bem colocada no mercado. Ninguém vai ficar rico sendo biólogo, mas me sinto realizada.”

Mestre e doutora em Bioquímica pela UFRGS, Trícia é professora da Unilasalle nas graduações de Biologia, Química, Fisioterapia, Enfermagem e Nutrição. Ela, que também atua como perita químico-forense do Instituto Geral de Perícias do RS, no setor de Genética, conta que ainda se relaciona com os antigos colegas, encontrando alguns em eventos sazonais da área. “Completamos 15 anos de formados e não conseguimos nos reunir, foi uma falha.”

Já naquele ano foi contratada uma produtora para a colação de grau em Biologia: “Mas foi uma formatura tradicional, nos moldes da UFRGS. Teve um telãozinho, nada demais. A produtora ofereceu um coquetel antes da cerimônia, que seria longa. Com eles, também encomendamos as fotografias e a filmagem”. Ela diz ter usado a faixa na cintura e os detalhes da toga em verde, a cor de seu curso, que toda a orientação foi do cerimonial da Universidade e que até hoje tem o VHS da sua formatura guardado. Trícia também lembra do procedimento de cada um gravar a sua música para o recebimento do diploma em CD, que foi entregue à equipe do Salão de Atos.

A bioquímica recorda que em sua colação de grau os formandos fizeram os agradecimentos individuais, que considera importante para quem está concluindo essa etapa da vida e também para os familiares presentes. “A orientação era para sermos breves. Todo mundo falou rápido para não demorar muito. Eu agradei aos meus pais e ao meu marido, já era casada.”

No entanto, Trícia reconhece que a prática era cansativa e tornava as cerimônias muito longas: “Tanto que não vou mais a colações de grau, nem de parentes, só vou para a festa. Teria que ter um plano B, outra reunião só com a família para esses agradecimentos mais direcionados”. Talvez essa tenha sido a solução adotada por aqueles que se formaram a partir de agosto de 2010, quando foi extinta a fala individual dos estudantes que celebravam seu ritual de passagem para o mercado como profissionais graduados.

# Ritual de passagem

## Formaturas

### Palco do Salão de Atos tem diversas normas para entregar os novos profissionais à sociedade

Caroline da Silva

A quarta reportagem da série que comemora o aniversário do JU faz um resgate dos últimos 15 anos no cerimonial das colações de grau da Universidade.

O momento é único para quem veste a toga, faz o juramento da profissão que escolheu e agarra o diploma (que desde agosto de 2010 é entregue no próprio palco) pelo qual passou anos se dedicando a trabalhos e estudando para provas. Porém, para a equipe do Salão de Atos, cada colação de grau faz parte de todo um calendário que é montado a cada semestre e integra uma rotina que deve se repetir para que o cerimonial da Universidade não seja desrespeitado.

**A grande virada** – Funcionário da UFRGS desde 1989, o atual diretor do Salão de Atos, José Francisco Machado da Rosa, lembra que a transformação da colação de grau em megaevento se deu em 1996, quando surgiram as produtoras. Segundo ele, a JNC Produções é a chamada “mãe” das empresas que hoje

realizam os eventos. Antes da segunda metade da década de 90, “não se tinha a indústria das formaturas”. Apesar de duas serem as mais conhecidas, são basicamente seis as produtoras que hoje atuam junto às colações de grau da UFRGS.

Antes do surgimento das produtoras, era o próprio Salão de Atos que fornecia as togas para os formandos. Eram simples, sem cores diferenciadas. Conforme o responsável pelo local, não havia custo algum para os estudantes, como até hoje a Universidade também não cobra para realizar o serviço da formatura. Os valores cobrados são recolhidos exclusivamente às empresas, já que a Universidade não cobra qualquer taxa pelo uso do espaço do Salão. As cerca de 150 togas que a UFRGS dispunha e que somente eram lavadas ao final do período das colações de grau foram doadas ao Departamento de Arte Dramática.

No período anterior a 1996, os alunos também não iam ao púlpito. Isso foi implementado na primeira gestão da professora Wranna Panizzi, que tinha o costume de comparecer e discursar em todas as colações.

**Um marco recente** – O ano de 2010 registrou duas transformações importantes nas cerimônias de formatura. Pela primeira vez, foi possível ter as togas e os diplomas ao mesmo tempo no palco do Salão de Atos da UFRGS. Conforme Denise Coutinho, diretora do Decordi desde 2009, a iniciativa foi fruto de um projeto da Pró-reitoria de Graduação que objetiva otimizar procedimentos para os alunos.

A diretora percebeu que muitos dos formados que iam retirar o seu diploma no guichê do Decordi faziam uma festa no local, alguns até levavam os pais e tiravam fotos.

Com o suporte do Centro de Processamento de Dados da Universidade, foi possível fechar a ata na cerimônia via computador no próprio palco do Salão de Atos, tornando então aquele registro dos documentos previamente assinados juridicamente válido.

“Em agosto de 2010, o reitor Carlos Alexandre Netto informou durante a abertura de uma colação de grau que, a partir daquele momento, a UFRGS passaria a fazer a entrega do diploma, um documento jurídico e com valor legal, no ato da cerimônia de forma pioneira nas universidades federais do país. A mudança foi saudada como um presente, já que a partir daquela data os alunos não teriam mais a oportunidade de fazer agradecimentos individuais”, conta Denise. Ela explica que o fim dos agradecimentos tornou as formaturas menos demoradas, abrindo assim a possibilidade de trazer familiares com um pouco mais de idade e até crianças para as cerimônias.

**Equipe** – À época, o atual diretor do espaço de eventos era o assistente administrativo do local: “Trabalhavam na administração o diretor e eu, não havia bolsistas. A equipe do Salão diminuiu, com certeza. Eram oito técnicos, se não me engano. Hoje temos quatro técnicos que são servidores. Quando eu falo técnicos estou falando do pessoal especializado em espetáculos, que trabalha com luz, som, montagem. Só

que desses quatro, três trabalham apenas fora do horário ‘comum’, nos finais de semana e à noite, caso do horário das formaturas. Além deles, temos mais três funcionários terceirizados. No total temos hoje seis técnicos que trabalham nas formaturas e mais seis bolsistas-evento”.

O servidor José Francisco esclarece que o número de bolsistas escalados para trabalhar nas formaturas varia conforme o tamanho das turmas de formandos. “Os bolsistas dão apoio na entrada, orientação para o público, trancam as portas de entrada no momento em que vão passar os formandos, pedem para o público aguardar, conversam com as pessoas para não entrarem com alimentos e bebidas. Completamente diferente da função dos técnicos, que apoiam o cerimonial do gabinete do reitor, acompanham a montagem pelas produtoras de toda sonorização, áudio e vídeo do Salão de Atos”, explica.

A cautela é a marca da equipe: “Estamos sempre supervisionando o trabalho das produtoras, pois, como em qualquer evento, é preciso ter o máximo cuidado para que nada seja pregado no palco, por exemplo, porque ali não tem só formatura, tem espetáculos de música, de dança, a bailarina pode atuar de pés descalços, é uma supervisão permanente, até para não estragar o piso”, ressalta o diretor.

Em 2003, o espaço teve o carpete trocado e foram feitos reparos na caixa cênica, investimentos no palco. Neste ano, houve manutenção elétrica, nos camarotes, na pintura e revisão do telhado.

## Dois pontos

### ► O básico da crase

Por vezes, o óbvio é enganosamente fácil. Noto, por exemplo, a dificuldade dos usuários da nossa língua de identificar e grafar os casos de crase. Para começar, crase é um fato da língua, e não o acento em si, que se chama ‘grave’. (Portanto dizer ‘leva crase?’ é uma construção de linguagem incorreta. Se poderia dizer, sim, ‘é crase?’ ou ‘leva o acento grave?’) Esse acento, no português, é utilizado apenas nos casos específicos de *contração*, ou seja, de sobreposição de elementos da língua. Temos de ter, assim, para essa ocorrência clássica de crase, a preposição *a* diante do artigo *a*.

Vejamos um exemplo: [1. *O candidato foi apresentado à autoridade*.]

Primeira exposição: [2. *Os candidatos foram apresentados a alguém*.] Para atestar a presença da preposição *a*, podemos substituir, por aproximação de sentido, o *a* por *para*. [3. *Os candidatos foram apresentados para alguém*.] Essa substituição confirma – uma vez que o vocábulo que substitui, conservado o significado, tem de ter a mesma função –, assim, o primeiro requisito: a presença do *a* preposição.

Segunda exposição: *Esse alguém, da frase do exemplo, é a autoridade*.

Reescrevendo, então, a frase com *para*: [4. *Os candidatos foram apresentados para a autoridade*.] Fica evidente, portanto, a presença de dois elementos: a preposição *para* e o artigo feminino *a*. Também se confirma, pois, o segundo requisito: a presença do artigo feminino *a*.

A nossa frase original, separando-se a preposição *a* do artigo *a*, ficaria assim: [5. *O candidato foi apresentado a a autoridade*.] Como há o recurso à redução das repetições na língua, essa sequência de ‘as’ se aglutina. Aí se dá o fenômeno da crase: [6. *Os candidatos foram apresentados à (a + a) autoridade*.]

Outro mecanismo razoavelmente

simples para se verificar a ocorrência da crase é a substituição da palavra feminina subsequente ao *a* por uma masculina. [Lembremos: só ocorre crase antes de palavra feminina!] Também por analogia, se verifica então a ocorrência ou não da crase: Mário foi à cidade natal. / Mário foi *ao* país natal. (confirma-se a crase!); Junto à parede. / Junto *ao* muro. (confirma-se a crase!); Mário retirou *a* mala. / Mário retirou *o* embrulho. (não há crase!)

Para desassossegar a certeza dos certinhos, se há regra, há exceção: há crase antes de palavras masculinas em expressões nas quais a palavra feminina fica subentendida: Salto à (moda) Luís

XV, Referiu-se à (nave) Apolo, etc.

Algumas expressões em que há ou não há o acento grave:

à beira (de) / à (moda) brasileira / a cada dia / a curto prazo / à direita (à esquerda) / à (= na) distância de 5 metros / a distância / à espera (de) / à exceção de / à frente (de) / a grande velocidade / a grande distância / à frente (de) / à *la carte* (do francês) / a la minuta (derivação de *la minute*, do francês) / à mão / à margem (de) / à medida que (conferir ‘na medida em que’) / à noite (= pela/durante a noite) / à nossa disposição / a óleo / a olho nu / a pé / àquela altura (= naquela altura) / àquele tempo (= naquele tempo).

Antônio Falcetta, revisor  
antonio.falcetta@secom.ufrgs.br

FLÁVIO DUFRAY/JU



Alunos do 1.º semestre de Nutrição da UFRGS, que obteve conceito 4,29 no Conceito Preliminar de Curso, o maior do RS

# Qualidade medida em números

## Ensino Pesquisadores apontam por que a UFRGS é a terceira melhor universidade brasileira

Anualmente, cerca de 2 mil instituições de ensino superior, públicas e privadas, são avaliadas pelo MEC. Isso garante a autorização, o reconhecimento e a renovação de reconhecimento dos seus cursos de graduação, além de orientar políticas públicas e servir como referência para a sociedade em geral. Para garantir um padrão mínimo de qualidade para o ensino oferecido, instituiu-se, em 2004, pela Lei n.º 10.861, o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes).

Organizado em 10 dimensões, que vão de responsabilidade social a corpo docente, o Sinaes analisa as instituições, os cursos e o desempenho dos estudantes, utilizando instrumentos como o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade) e as avaliações institucionais. Essas últimas dividem-se em autoavaliação e avaliação externa, feita por comissões designadas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep).

**Entre as melhores** – O resultado do mais recente IGC, divulgado no dia 17 de novembro, indicou a UFRGS como a terceira melhor universidade do país, com 4,30 pontos e conceito 5. Na lista geral, que inclui faculdades e institutos, a UFRGS ficou na 13.ª posição.

Gilberto explica que esse resultado está relacionado ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), instituído em 2007. Com a ajuda da ação governamental, a instituição gaúcha

conseguiu repor parte do quadro de técnicos e docentes que havia perdido em cerca de dez anos. “Nesse processo, o quantitativo está se recuperando com mais qualidade, porque a maioria do pessoal que está sendo contratado agora é de nível superior. No nosso caso, a falta de técnicos desse nível sempre foi um problema muito crítico”, aponta.

Nessa nova leva de funcionários, o secretário destaca a ação da Pró-reitoria de Graduação, que solicitou a contratação de 70 técnicos em assuntos educacionais. Estes trabalham hoje junto às Comissões de Graduação, auxiliando na elaboração de projetos pedagógicos – documentos que definem o perfil do profissional que se pretende formar, os objetivos do curso, entre outros itens. “O apoio dos técnicos em assuntos educacionais acabou sendo decisivo para melhorar a qualidade tanto do projeto quanto da própria gestão. Com o Reuni, nós conseguimos um espaço mais privilegiado para a graduação dentro da universidade”, conclui Gilberto. A Secretaria de Avaliação Institucional da UFRGS também tem uma atuação diferenciada: “Nós ficamos atentos ao que está sendo observado em termos de avaliação e imediatamente alteramos os projetos pedagógicos”.

A experiência da UFRGS com processos avaliativos nasceu na década de 1990, com o Programa de Avaliação Institucional das Universidades Brasileiras. “Nesse meio tempo, a instituição conseguiu fazer a democratização da informação, que hoje está online e é alimentada diariamente. Outras instituições não conseguem mostrar seus dados, porque não têm acesso a eles”, reflete Denise. Ela acrescenta que a avaliação ajudou a Universidade a saber mais sobre si mesma e cita como exemplo as aulas de reforço para a disciplina de cálculo, criadas após se constatar que a cadeira “represava” muitos alunos. “A vantagem de ter uma secretaria de avaliação que trabalha dessa maneira é que ela passa dados gerenciais importantes para a Prograd e para o reitor, e eles podem imediatamente vislumbrar os problemas

e tomar atitudes. Quando tu não tens um órgão que gerencie esse tipo de informação, ela se perde”, lamenta Gilberto.

O Secretário de Educação Superior, Luiz Cláudio Costa, explica que “os conceitos e indicadores de qualidade têm sido utilizados pelo Ministério da Educação como critério para a participação no Programa Universidade para Todos (Prouni) e no Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (Fies)”. Gilberto acrescenta que o MEC solicitou a adesão das instituições federais mais bem colocadas a organismos internacionais de avaliação. “A partir de 2012, vamos começar a montar uma proposta de inserção dentro desse esforço”, revela. A ação reflete o contexto de internacionalização do Brasil, que, segundo previsão da consultoria britânica *Economist Intelligence Unit*, deve se tornar a quarta maior economia do mundo até 2030.

**Críticas** – Perto de completar oito anos em abril de 2012, pesquisadores avaliam que o Sinaes precisa sofrer uma revisão. Denise Leite, professora do Programa de Pós-graduação em Educação da UFRGS e coordenadora do grupo de pesquisa Inovação e Avaliação na Universidade,

argumenta que os instrumentos utilizados hoje pelo MEC desvirtuaram das propostas contidas no Sistema. Um exemplo é o surgimento, a cada ano, de indicadores que não fazem parte da lei, mas que têm papel fundamental na avaliação, como o Índice Geral de Cursos (IGC) e o Conceito Preliminar de Curso (CPC). O primeiro diz respeito às instituições e é resultado da média ponderada das notas dos cursos de graduação e pós-graduação de cada uma. O segundo se refere aos cursos de graduação e é formado pelo Enade – aplicado anualmente em diferentes áreas do conhecimento – e pelas condições de ensino relacionadas, principalmente, ao corpo docente, à infraestrutura e à organização didático-pedagógica. “Esses índices são fórmulas matemáticas! O que se faz é habilitar os cursos para terem todos os dados que o MEC pede. É uma coisa muito mais numérica, quantitativa e burocrática. Aquilo que era a base do Sinaes – fazer a autoavaliação, entender a instituição –, ficou de lado”, critica Denise.

Júlio Godoy Bertolin, assessor de planejamento da reitoria da Universidade de Passo Fundo e avaliador externo do Inep, assinala como principal problema

a atitude do governo de transformar o Enade no instrumento definitivo de medição da qualidade dos cursos. “Muitas instituições, para alcançar melhores posições nos rankings de ‘qualidade’ e maior quantidade de alunos matriculados, começaram a realizar ‘cursinhos’ preparatórios para os exames, bem como priorizar, nos planos das disciplinas, conteúdos abordados nos exames aplicados. Os exames viraram referência para a elaboração de projetos pedagógicos”, afirma.

Gilberto Cunha, secretário de Avaliação Institucional da UFRGS, pondera que o sistema avaliativo atual representa um avanço em relação a instrumentos anteriores, como o “Provão”, criado no governo Fernando Henrique Cardoso e que analisava a qualidade dos cursos superiores apenas pelos concluintes. Segundo ele, é possível rearranjar as dez dimensões da lei em quatro eixos de avaliação: “Só que precisamos mexer na legislação, e isso é muito problemático. O receio principal é que, se abriremos essa janela de ajuste, muita gente vai fazer pressão para afrouxarmos a avaliação”.

**Daiane de David, estudante do 6.º semestre de jornalismo da Fabico**

## Sensação de dever cumprido

Com nota 4,63 no Conceito Preliminar de Curso (CPC), a graduação em Biomedicina da UFRGS despontou como a melhor do país. O curso, aprovado pelo Conselho Universitário em 2003, teve seu surgimento ligado à divisão do Instituto de Biociências, do Câmpus do Vale. Parte dos departamentos do local foi transferida para o que veio a se chamar Instituto de Ciências Básicas da Saúde (ICBS), no Câmpus Centro. “O ICBS tinha uma boa estrutura, gerenciando três pós-graduações *stricto sensu*, mas não tinha uma graduação”, conta Denise Zancan, coordenadora do curso de Biomedicina.

Formou-se, então, um grupo liderado pelos professores Magdolna Vozari Hampe e João Henrique Kanan, que

buscou fazer do projeto uma realidade. O biomédico pode atuar tanto na pesquisa e no ensino voltado para as ciências básicas da saúde quanto na parte de análises clínicas.

Entre os motivos que fizeram do curso o melhor do Brasil, Denise cita a variedade de disciplinas ofertadas, a melhora do corpo docente e da infraestrutura, a qualidade dos estudantes e a atualização constante do projeto pedagógico. Além disso, essa graduação aposta numa formação com especial atenção à pesquisa: “Os alunos têm tempo integral no penúltimo semestre para desenvolver um projeto de pesquisa que, posteriormente, será apresentado no TCC. No último semestre, depois do TCC, eles têm um

estágio voltado à prestação de serviços na área da saúde – análises clínicas, banco de sangue, entre outros”. Denise acrescenta que o estágio em pesquisa foi uma inovação nos cursos de Biomedicina do sul do país.

Ao ser questionada sobre os ganhos de uma primeira colocação, ela é firme na resposta: “Se eu fosse de uma universidade particular, estaria fazendo muita publicidade para conseguir mais alunos. Mas, sinceramente, nós somos uma universidade pública, que vive de dinheiro do contribuinte, e temos mais do que a obrigação de oferecer o máximo em troca disso. Claro que é bom fazer festa – não quero tirar o mérito do trabalho –, mas eu vejo isso como um dever cumprido”.

# Especial

09

Infraero - SBPA  
CHK\_09Infraero - SBPA  
CHK\_08

08

TEXTO JOÃO FLORES DA CUNHA E LUIZ EDUARDO KOCHHANN FOTOS FLÁVIO DUTRA



## Os desafios do crescimento

**Aeroportos** Obras emergenciais não acompanham o rápido aumento da demanda

O crescimento da demanda por viagens de avião no Brasil se transformou em um problema. Reflexo do aumento do poder aquisitivo da população e da ascensão social no país, o fenômeno gerou transtornos para os usuários: terminais lotados e voos atrasados se tornaram habituais. Agora, o governo precisa lidar com um desafio imposto por esse crescimento: o de reformar os aeroportos para ampliar sua capacidade. De acordo com a Agência Nacional de Aviação Civil (Anac), que fiscaliza e regula o setor, houve um aumento “muito forte” da demanda nos aeroportos brasileiros nos últimos anos. “A média mundial de crescimento no movimento de passageiros foi de 40% de 2003 a 2010. No Brasil, o aumento foi de 118% no mesmo período. Entre 2009 e 2010, a variação foi de 6,6% no mundo e de 21,3% no país”, segundo a assessoria de imprensa da agência.

Esse crescimento tem impacto em Porto Alegre: entre 2004 e 2010, o movimento de passageiros no Salgado Filho dobrou. O aeroporto deve fechar este ano com mais de 7 milhões de usuários. É um aumento de quase 20% em relação ao ano passado.

Resolver a situação dos aeroportos brasileiros é essencial não só para atender à demanda interna, mas também porque o país tem um desafio à vista: receber a Copa do Mundo de 2014. Dirigentes da Fifa, a entidade máxima do futebol, já manifestaram publicamente sua preocupação com a lentidão das obras de reforma dos aeroportos. O problema para 2014 tem origem em uma especificidade do Brasil, país continental em que as capitais estão separadas por longas distâncias: para viajar entre elas rapidamente, o transporte aéreo é a única opção viável. Assim, os deslocamentos dos turistas durante a Copa serão feitos principalmente por avião, porque os jogos serão realizados em um

curto intervalo de tempo em cidades tão distantes como Natal e Manaus ou Porto Alegre e Salvador.

O professor João Fortini Albano, do Laboratório de Sistemas de Transportes (Lastran) da Escola de Engenharia da Universidade, destaca que o governo precisa saber lidar com uma mudança que ocorre em um espaço curto de tempo: “Se os investimentos em modernização dos aeroportos já eram lentos em um quadro de crescimento normal, com o aumento acelerado da demanda os terminais ficaram bastante inadequados”.

Jorge Leal Medeiros, professor da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP), afirma que, por “falta de capacidade do governo, os aeroportos não foram ampliados conforme a necessidade. Em São Paulo, estamos esperando um terceiro terminal há dez anos. Agora, estão sendo feitos os Módulos Operacionais Provisórios [MOPs], que são ‘quebra-galhos’: não seriam necessários se as obras tivessem sido realizadas anteriormente. O problema é que eles não fazem parte de um planejamento aeroportuário integrado e representam soluções isoladas”. Os MOPs são estruturas anexas aos terminais existentes – projetadas para atender provisoriamente os usuários enquanto as obras de ampliação não são concluídas.

Leal destaca que isso se torna um problema maior porque, em São Paulo, os aeroportos têm grande quantidade de conexões. “Os MOPs que estão sendo construídos não têm integração boa com os outros terminais. Vai ser uma dor de cabeça para a Infraero [estatal que administra os aeroportos brasileiros] ajudar os passageiros a fazer o trajeto de um terminal a outro”.

O professor ressalta que os Módulos Operacionais Provisórios são fundamentais no momento atual, mas chama atenção para a possibilidade de novos desafios surgirem no futuro: “O Brasil

vai enfrentar rapidamente um problema de capacidade do espaço aéreo. Após a crise dos controladores de voos, para manter a segurança do tráfego aéreo, foi necessário aumentar a separação entre os aviões no ar. Isso reduziu a capacidade das pistas. Não estamos sentindo muito essa queda porque a capacidade dos terminais está mais restrita ainda. Quando for resolvido esse problema, é muito provável que o próximo gargalo sejam as pistas”.

**Em Porto Alegre** – No Salgado Filho, a situação não é diferente da do resto do país. Obras e projetos estão por todos os lados, mas as dificuldades para cumprir prazos são evidentes. Para reforçar o atendimento, o superintendente do aeroporto, Jorge Herdina, aposta na otimização dos processadores – serviços em

**“O Brasil vai enfrentar rapidamente um problema de capacidade de espaço aéreo. E o próximo gargalo serão as pistas”**

todas as paradas do passageiro dentro do terminal, como check-in, inspeção pré-embarque e embarque.

Nesse sentido, as companhias aéreas trabalham com a meta de realizar 50% dos check-ins pela internet ou em totems de autoatendimento. As esteiras para inspeção pré-embarque passaram de seis para doze e foram agregadas cinco posições de embarque – agora são 25 para atendimento simultâneo. “Essas ações resultam em um aumento da capacidade de processamento de 100% em relação a 2009. Com a estrutura atual, fechamos a capacidade de atendimento

em níveis adequados para 10 milhões a 11 milhões de passageiros, sem problemas”, garante Herdina.

Construído em 1953 e administrado pela Infraero desde 1974, o terminal 2 do Salgado Filho deixou de ser utilizado para o transporte de passageiros após a inauguração do novo terminal, em setembro de 2001. Entretanto, em menos de dez anos, a capacidade das novas instalações se esgotou. Para possibilitar o atendimento de mais 1,5 milhão de pessoas, a reativação do terminal 2, em dezembro de 2010, foi a solução emergencial encontrada para evitar sobrecarga no atendimento do terminal 1. A antiga estrutura atende a voos domésticos das empresas Azul e Webjet.

O superintendente admite que a estrutura do terminal 2 foi ativada antes de estar pronta para acolher os passageiros em um nível satisfatório de conforto. As queixas giram em torno do tamanho da sala de embarque. Muito pequena, ela costuma lotar quando voos atrasam. Segundo Herdina, já foi instalada climatização; a parte externa está recuperada; mais vagas de estacionamento serão ofertadas e, até o final do ano, a ampliação das salas de embarque e desembarque deve ser completada.

A exemplo de outros aeroportos brasileiros, o Salgado Filho também deve ganhar um Módulo Operacional Provisório. O espaço deve ser inaugurado até o final de 2011 e terá vinte novos balcões de check-in, possibilitando o atendimento de mais 1,5 milhão de passageiros.

O valor investido é de 4,2 milhões de reais, mas assim que as demais obras de infraestrutura nos terminais 1 e 2 estiverem concluídas, o MOP não será mais utilizado. “É uma contingência para melhor atender à rápida expansão da demanda até que esses projetos possam ser exauridos no seu planejamento e execução. O Módulo Operacional Provisório deixa de existir tão logo as obras executadas possam ser colocadas em operação”, diz Herdina.

**Obras não decolam** – A ampliação da pista de pouso, dos atuais 2.280 para 3.200 metros, irá melhorar o “custo-benefício” das operações, principalmente as de longa distância, de acordo com Herdina. Após a conclusão da reforma, aeronaves de maior porte poderão pousar e decolar com sua capacidade máxima de peso, ganhando autonomia para voos mais longos. A ligação entre Porto Alegre e Lisboa, por exemplo, ocorre com restrição operacional, pois não é possível partir com carga máxima. O aumento da rentabilidade das viagens pode refletir em diminuição no preço dos bilhetes, diz o superintendente.

O professor Albano afirma que “a ampliação dá mais capacidade de operação para o aeroporto e segurança para os usuários. Mas é um assunto que está na pauta desde o governo [Antônio] Britto. O estado vem perdendo capacidade de transporte nos voos por uma condição que já poderia estar resolvida se não houvesse tantos entraves burocráticos”.

Orçada em 215 milhões, a obra estava prevista para ser realizada quando o novo terminal de passageiros foi inaugurado, em 2001. Mais de dez anos depois, o aumento da pista continua sendo adiado. Problemas na elaboração do projeto e na remoção da Vila Dique causaram atrasos. Ao JU, Herdina cogitou o início dos trabalhos para o primeiro período de 2012, com a ressalva de que será “mais para o final do semestre”.

A demora em estender a pista atrasa a instalação da nova categoria do sistema de aproximação por instrumentos (ILS 2), conhecido popularmente como “antiteneblina”. O aparelho permite pousos quando o contato visual do piloto com a pista estiver acima de 350 metros, o que facilita as operações em dias com clima adverso. O ISL 1 em funcionamento atualmente exige visibilidade não menor que 800 metros e contato visual mínimo de 550 metros. O superintendente do aeroporto aponta como prazo de instalação o final de 2012.



Pesquisa do Lastran identificou a operação simultânea dos dois terminais do aeroporto como o principal alvo de reclamações dos usuários

# Perspectivas para o futuro

Em 2011, o governo brasileiro tomou duas medidas para tentar resolver os problemas nos aeroportos: foi criada a Secretaria de Aviação Civil da Presidência da República, o que significou a desvinculação do setor do Ministério da Defesa; também decidiu-se fazer concessões de aeroportos, cedendo à iniciativa privada parte da responsabilidade por administrá-los – a Infraero manterá 49% de participação nas Sociedades de Propósito Específico (SPEs) que terão esse encargo.

O primeiro aeroporto a passar por concessão foi o de São Gonçalo do Amarante, na Grande Natal. Ele começou a ser construído em 1997, mas até hoje conta apenas com uma pista de pouso. O consórcio que venceu a disputa será responsável por finalizar a obra e administrar o aeroporto quando ele estiver pronto. Espera-se que isso ocorra em abril de 2014, pouco antes da Copa do Mundo.

Os três próximos terminais com participação privada serão os de Cumbica, em Guarulhos – na região metropolitana de São Paulo –, Juscelino Kubitschek, em Brasília, e Viracopos, em Campinas. O prazo da concessão será de 20, 25 e 30 anos, respectivamente. Os leilões estão previstos para ocorrer em fevereiro.

“O governo brasileiro avalia que, como em outros segmentos da economia, a parceria com a iniciativa privada vai viabilizar mais rapidamente os investimentos, a troca de experiências e a absorção das melhores práticas no setor”, segundo a Anac. A notícia da abertura do processo de concessão foi recebida pelos funcionários dos três aeroportos com ameaças de greve.

O professor da Escola de Engenharia da UFRGS João Fortini Albano afirma que “dados os escassos recursos existentes, a concessão é uma saída. Da mesma forma que o governo optou por fazer isso em algumas rodovias de maior volume de tráfego, poupando os recursos públicos para investir em educação, por exemplo, a ideia é válida também para os aeroportos – em especial para os de maior movimentação, que precisam funcionar em padrões elevados de conforto e segurança, o que exige grandes investimentos”.

Nesse modelo, que visa o lucro, o investidor precisa ser remunerado – o que significa um custo adicional para o usuário, como assinala Albano, que acredita que os benefícios introduzidos tornam a equação positiva.

Para Jorge Leal, docente da USP, “a concessão é necessária. A iniciativa privada tem mais competência do que o governo para aumentar a capacidade dos aeroportos”. Ele ressalta que este deve regular e fiscalizar as empresas. “Se o governo não foi capaz de, por meio da Infraero, gerenciar a ampliação

dos aeroportos, ele tem que ser capaz de, por meio da Anac, fazer com que as operações atendam ao usuário em termos de qualidade de serviço.”

A fiscalização das companhias aéreas se tornou mais efetiva nos últimos anos, de acordo com a Anac. Segundo a assessoria de imprensa da agência, essas empresas “estão cumprindo, de modo geral, as normas da aviação civil, mas ainda temos muitos casos de descumprimento. Nessas situações, a companhia é autuada, sujeitando-se à aplicação de multa. Em 2009, foram arrecadados mais de R\$ 7 milhões em multas só das principais companhias aéreas. Em 2010, foram mais de R\$ 17 milhões, e em 2011 já foram arrecadados mais de R\$ 15 milhões”.

Sobre a possibilidade de o Salgado Filho passar pelo processo de concessão, o superintendente Jorge Herdina diz que “por hora, não há nada que leve a crer nessa perspectiva. Isso é uma decisão de governo, como foi a de adotar esse modelo para aqueles três terminais. Pode ser que sim, pode ser que não”. Segundo ele, “as obras, uma vez implementadas, elevam a condição operacional do aeroporto ao ponto de atender à demanda do mercado até 2025 ou 2030”.

“Não é pouco”, afirma Albano. “Mas isso é uma previsão, e pode falhar. Quem sabe [a capacidade] não se esgota em 2020? Para fazer durar mais, teria que investir muito mais dinheiro – e esse é o problema do Brasil.” O docente diz ter certeza que, no futuro, será preciso construir outro aeroporto na região metropolitana de Porto Alegre.

A atual incapacidade dos aeroportos brasileiros de atender satisfatoriamente à demanda aponta para a necessidade de se pensarem alternativas ao transporte aéreo.

O professor Leal diz que “no Brasil, não temos infraestrutura para fazer viagens de longa distância com certo conforto – problema que seria suprido por uma boa malha ferroviária. Infelizmente, abandonamos a nossa na época da entrada da indústria automobilística”.

Trabalhando com projeções de demanda dos principais aeroportos do país, Leal chegou à conclusão de que, eventualmente, ela não poderá mais ser atendida – nem com a implantação de novos aeroportos. “A tendência vai ser colocar, eventualmente, trens – como os que existem na Europa –, que têm uma confiabilidade grande. Mas isso implica fazer investimentos”, afirma.

No entanto, o professor é contrário ao projeto do trem-bala que ligaria Rio de Janeiro, São Paulo e Campinas. Segundo ele, trata-se de “rematada loucura”. O governo estima que a construção custe 40 bilhões de reais. O trem-bala brasileiro ainda está em processo inicial de licitação.



## Aeromóvel promete melhorar acesso ao Salgado Filho

A acessibilidade via transporte público é problema comum a vários aeroportos brasileiros. “A maioria tem transporte coletivo muito fraco, composto por alguns ônibus fretados ou poucas linhas. Metrô e trem praticamente não chegam a esses locais”, afirma a professora da UFSC Lenise Grando Goldner. Pensando nisso, o governo federal optou pela reativação do projeto Aeromóvel em Porto Alegre. Uma linha direta entre a estação da Trensurb e o Terminal 1 do Salgado Filho está sendo construída. Em estágio inicial, a obra tem como prazo de conclusão junho de 2012 – e deve servir de modelo a outras capitais do Brasil.

O trajeto de 944 metros em via exclusiva será percorrido em 90 segundos por dois veículos leves – um deles reserva – com capacidades para 150 e 300 passageiros.

De acordo com a Trensurb, as viagens devem partir com um intervalo de cerca de quatro minutos. Os usuários não pagarão uma taxa extra para utilizar o serviço. Apenas com o tíquete do trem, tanto os passageiros que partem do aeroporto quanto os que chegam de Porto Alegre e região metropolitana podem acessar o sistema. A expectativa de circulação é de 7 mil pessoas por dia.

Desenvolvido no final dos anos 70 pelo engenheiro gaúcho Oskar Coester, o aeromóvel possui tecnologia 100% nacional. O veículo se movimenta por propulsão de ar, garantindo pequeno gasto de energia e pouco impacto ambiental. Uma linha-piloto chegou a ser instalada na Avenida Loureiro da Silva, em 1982, mas o projeto foi abandonado

pelo Ministério dos Transportes. Em 2004, o Ministério das Cidades emitiu um parecer recomendando o fomento dessa tecnologia para ligar os principais aeroportos brasileiros aos sistemas de transporte de grande capacidade. Três anos depois, um acordo foi selado entre a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), a Aeromovel S/A, a UFRGS e a PUCRS para incentivar a pesquisa e o desenvolvimento do sistema.

“O preço por quilômetro do aeromóvel gira em torno de 19 milhões de dólares. As outras opções mais baratas de mon trilhos para ligação ponto a ponto estão em torno de 60 milhões de dólares por quilômetro”, afirma o gerente de projetos e obras da Trensurb, Sidemar Francisco da Silva. O gasto total, oriundo do Orçamento Geral da União, deve ser de 33 milhões de reais. O investimento prevê a construção de duas estações climatizadas, da via elevada e dos dois veículos.

O aeromóvel também promete baixo custo de operação. Isso porque os trilhos não precisam ser trocados, os motores não estão dentro dos carros e o projeto buscou diminuir o peso morto – o que gera menos atrito entre as rodas e a via.

Todos esses fatores reduzem o risco de quebra. Além disso, os veículos funcionam sem operador. “É um dos raros exemplos de sistema de transporte de passageiros sobre trilhos que é autosustentável economicamente. A tarifa cobre todas as despesas do sistema de operação. O consumo de energia é baixo, a demanda de peças é pequena e servida localmente, sem necessidade

de importação”, explica o diretor de engenharia da Aeromovel S/A, Diego Abs.

Como o Salgado Filho está localizado em uma região urbana, isso implica dificuldades para realizar obras nas redondezas. Toda construção civil deve obedecer às regras do cone de aproximação do aeroporto. No final de dezembro, por exemplo, o Departamento de Controle do Espaço Aéreo (Decea) restringiu a 48 metros a altura de novas edificações em um raio de quatro quilômetros da pista. De acordo com os engenheiros da Trensurb e da Aeromovel S/A, o veículo tem a vantagem de vencer aclives maiores e fazer curvas de raio pequeno, facilitando as obras e eliminando a necessidade de desapropriações. “Poucas tecnologias poderiam fazer esse serviço de ligação entre o terminal e a estação porque já existe toda uma malha urbana consolidada com uma série de interferências. Uma obra subterrânea teria padrões faraônicos e de grande impacto para o local”, completa Diego.

A Infraero demonstra preocupação com o deslocamento entre os terminais. Atualmente, um ônibus atende aos usuários de forma gratuita, 24 horas por dia, realizando o trajeto em intervalos de dez minutos. Segundo o superintendente do aeroporto, Jorge Herdina, o objetivo é instalar a linha do aeromóvel para transportar os usuários. “Será o primeiro com essa facilidade instalada no país. Estamos no estágio de levantamento das necessidades para definir qual será o traçado e quais os requisitos para a operação”, esclarece. Não há prazo para o início das obras.

### Reclamações dos passageiros

Para identificar os atributos de infraestrutura mais importantes para os passageiros do aeroporto da capital, a doutoranda do Lastran Fernanda David Weber realizou uma pesquisa de campo. A operação simultânea em dois terminais foi o maior alvo de reclamação. “Não é bem indicado. Principalmente para os que chegam por uma companhia e voltam por outra. Para quem chega do interior do estado ao terminal principal também é confuso o acesso ao antigo, pois não há sinalização”, revela.

Durante a pesquisa, Fernanda ainda observou o incômodo dos passageiros com a dificuldade para estacionar. O atual edifício garagem, com 2.700 vagas, não é mais sufi-

ciente para atender ao movimento de carros. “Se o aeroporto não é bem servido por transporte coletivo, a tendência é o usuário ir de automóvel, seja particular ou táxi. Isso aumenta a demanda por vagas”, explica a professora do departamento de Engenharia Civil da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Lenise Grando Goldner.

Conforme o superintendente do aeroporto, Jorge Herdina, um novo edifício-garagem deve ser construído, acrescentando espaço para mais 4.000 carros. Além disso, no andar térreo do empreendimento, deve funcionar um centro de conexão com ônibus intermunicipais. O início das obras, entretanto, também é incerto.



YOUSSEF BAKAWI/EPH

## Revoltas

### Após um ano de protestos na região, a Síria se aproxima de uma guerra civil

Começou na Tunísia, em dezembro de 2010. A população do país do norte da África se revoltou contra o presidente Zine El Abidine Ben Ali, no poder desde 1987. Ele não resistiu à pressão e, em janeiro deste ano, fugiu para o exterior. Pela primeira vez, o povo de uma nação árabe conseguiu derrubar um ditador por meio de manifestações pacíficas. A revolução na Tunísia marca o início da primavera árabe, série de protestos em diversos países da região motivada pelas condições de vida da população e pelo autoritarismo de seus governantes.

Depois da queda de Ben Ali, a revolta chegou ao Egito. Os protestos de milhares de pessoas na praça Tahrir (da Libertação), no Cairo, chamaram a atenção do mundo para a luta dos árabes. Em 18 dias, os egípcios derrubaram Hosni Mubarak, que estava no poder há três décadas. O *status quo* pouco mudou: uma junta militar assumiu provisoriamente. Desde que se tornou uma república, em 1953, o Egito é governado por militares. Mubarak só caiu depois que foi abandonado pelo exército, assim como havia acontecido com Ben Ali.

Em fevereiro de 2011, a população da Líbia se rebelou contra o governo de Muammar al-Kadhafi. No poder desde 1969, ele reagiu aos protestos com extrema violência, e o país entrou em guerra civil. Para impedir o massacre prometido por Kadhafi, o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) aprovou resolução para proteger os civis.

A intervenção estrangeira serviu, na prática, para derrubar o regime. A Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) assumiu o comando das operações. As potências ocidentais ajudaram os rebeldes a se organizar e lhes forneceram armamento. Em agosto, após meses de impasse, os opositores

conquistaram Trípoli, a capital do país. Kadhafi foi morto em outubro, e sua provável execução serviu como marco simbólico do fim do regime e da guerra civil na Líbia. O desafio agora é a união nacional em um país com profundas divisões tribais e regionais.

No Iêmen, o presidente Ali Abdullah Saleh passou meses resistindo no cargo, mas, em novembro, assinou um acordo para a transferência de poder. Na prática, ele estava afastado desde junho, quando sofreu um atentado no palácio presidencial que queimou 40% de seu corpo. Seu destino foi o mesmo de Ben Ali: a Arábia Saudita. País mais pobre entre os árabes, o Iêmen é muito instável.

Já no Bahrein, o governo conseguiu sufocar as manifestações. A maioria xiita se revoltou contra a minoria sunita, à qual pertence a família real. Os protestos pró-democracia foram reprimidos com prisões arbitrárias, tortura e execuções. O reino chegou ao ponto de condenar judicialmente médicos e enfermeiros que trataram os feridos – sob a acusação de participação em um suposto complô para derrubar o regime.

Esse país de um milhão de habitantes acabou evidenciando uma das grandes contradições da política internacional: a reação das potências ocidentais – em especial dos EUA – ao atropelo dos direitos humanos foi mínima. Os norte-americanos mantêm no Bahrein a base de sua frota naval responsável pelo Oriente Médio. Tomar uma atitude para tentar conter os abusos significaria arriscar-se a perder um aliado; os EUA preferiram não fazer nada.

**Síria explode** – A Síria foi o último país a enfrentar grandes protestos. Eles começaram em março e têm sido brutalmente reprimidos pelo governo de Bashar al-Assad. De acordo com a ONU, até dezembro havia mais de 5.000 mortes confirmadas – entre elas, as de 300 crianças. No início do mês, foi apresentado o resultado de uma investigação sobre a crise síria no âmbito do Conselho de Direitos Humanos da entidade. O relatório – enviado ao JU pelo líder da comissão que o elaborou, o diplomata brasileiro Paulo Sérgio Pinheiro – documenta “amplas e sistemáticas violações dos direitos humanos cometidas por

militares sírios, forças de segurança e milícias pró-governo desde o início dos protestos”, segundo ele. Essas incluem “uso excessivo da força, detenções arbitrárias, desaparecimentos, tortura, violência sexual, violação de direitos da criança e de direitos econômicos e sociais”, de acordo com Pinheiro.

O relatório foi composto a partir de entrevistas realizadas principalmente com exilados, mas também com opositores de dentro do país – com esses, por meio do Skype: o governo sírio reluta em permitir o ingresso de observadores independentes e da mídia internacional. Também foram analisados vídeos e fotografias mostrando as consequências da repressão. Após a apresentação do trabalho da comissão, Navi Pillay, alta comissária da ONU para os direitos humanos, caracterizou o conflito como uma “guerra civil”.

Ao contrário de Ben Ali e Mubarak, Assad conseguiu manter a repressão. O presidente sírio não perdeu o controle de uma cidade sequer. As principais, Damasco e Aleppo, se mantêm inclusive com manifestações a favor de Assad.

Parte desse apoio vem das minorias do país, que temem o que pode ocorrer se o ditador cair. Pela composição de sua sociedade, a Síria vive em um equilíbrio delicado. São 23 milhões de pessoas de diferentes etnias e religiões.

Por décadas, a estabilidade entre os sírios foi garantida – por meio de repressão e autoritarismo – pela família Assad. O pai de Bashar, Hafez al-Assad, assumiu o poder em 1971, pondo fim a um período de sucessivos golpes de estado que haviam se seguido à independência do país, no fim da Segunda Guerra Mundial.

Secular, o regime combateu os extremistas da Irmandade Muçulmana. Agora, com Bashar como presidente, a estabilidade acabou, porque milhares de sírios decidiram que a segurança não lhes satisfazia mais. Inspirados pelo exemplo de outros árabes, eles querem liberdade.

Os manifestantes são, porém, vulneráveis à repressão, e sequer uma resolução no Conselho de Segurança da ONU condenando a violência foi aprovada. Rússia e China, que detêm poder de veto nesse órgão, ainda mantêm laços com o governo sírio por conta de seus interesses na região. Esses países veem a situação

com cautela também por conta do caso da Líbia: eles apoiaram a resolução que permitia a ação internacional, mas viram que essa extrapolou o mandato das Nações Unidas.

Uma intervenção como aquela não deve acontecer na Síria, por conta de sua importância geopolítica. É o único país árabe com governo aliado ao Irã. As duas nações financiam o Hamas e o Hezbollah, grupos que combatem Israel e são considerados terroristas pela União Europeia e pelos EUA. Não é uma boa perspectiva para o Oriente Médio que a Síria entre em conflito interno ao mesmo tempo em que aumenta a tensão entre o Irã e as potências ocidentais, por conta do programa nuclear do país persa.

Assim, a ação internacional fica restrita a sanções, que prejudicam a economia e têm efeito direto sobre a população, o que gera mais instabilidade.

**Minorias em perigo** – Ao contrário do que ocorreu na Tunísia e no Egito, na Síria grande parte da população não está contra o regime: há uma ruptura da sociedade, com parte dela a favor e parte contra Assad.

O problema é que, como consequência dos crimes de estado, surgiu uma insurgência armada, formada por

desertores do exército e civis. Isso é uma tragédia para a Síria, porque faz com que a violência aumente e as divisões se aprofundem.

O maior risco é que o conflito se torne sectário. Quatro décadas da família Assad no poder criaram uma elite predominantemente alaúita, que domina a economia e a política do país, bem como as forças de segurança. Se a ampla maioria sunita (75% da população) se voltar contra os alaúitas, um quadro de violência prolongada se torna inevitável. Esse cenário seria devastador para uma minoria frágil como a dos cristãos. A um ano de seu início, a primavera árabe tem uma consequência nefasta: a Síria está à beira de uma guerra civil.

A queda imediata de Assad depende de uma intervenção militar estrangeira ou da perda do controle sobre o Exército. Hoje, as duas alternativas são altamente improváveis. O que pode desestabilizar o seu governo e, eventualmente, derrubá-lo é algo intermédio: outra forma de ação internacional, como as sanções ou a ajuda militar aos opositores – ou o aumento das deserções no exército.

João Flores da Cunha, estudante do 6.º semestre de Jornalismo da Fabc

## Um ano de revoltas

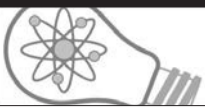
Nenhum dos processos iniciados ao longo do último ano está perto do fim. Tunísia, Egito e Líbia estão em períodos de transição.

A construção da democracia nesses países – desejo inicial dos manifestantes que protestavam contra os governos – deve ser lenta, mas é possível. Iêmen e Bahrein têm poucas perspectivas de melhora nesse sentido. O caso mais avançado é o da Tunísia – menos porque tenha começado antes e mais pelas condições de sua sociedade. A Líbia, depois de quatro décadas de Kadhafi, vai ter que se construir do zero. O país não conta com uma sociedade civil ou uma classe média que possa servir de base para a democracia.

O Egito, cuja população ainda luta para que os militares entreguem o poder para civis, corre o risco de ser desestabilizado pelo avanço dos extremistas, que não eram protagonistas no início da revolução. Os primeiros resultados das

eleições democráticas realizadas no país indicaram vitória da Irmandade Muçulmana, partido islâmico moderado – e a ascensão de grupos mais radicais. Esse fenômeno preocupa o Ocidente. Antes do início das revoltas, as potências ocidentais apoiavam os autocratas pela estabilidade que eles supostamente garantiam ao reprimir os extremistas islâmicos. Nas eleições da Tunísia, os vencedores foram islamitas moderados.

A primavera árabe é um processo histórico que continua; dada a quantidade de países envolvidos e a complexidade das situações a serem resolvidas, o mais provável é que o último ano tenha sido apenas o primeiro de um período de mudanças na região que deve durar mais tempo. Hoje, o grande desafio é pôr fim à violência na Síria. A comunidade internacional agiu a tempo na Líbia, mas se vê incapaz de salvar o povo sírio do massacre diário perpetrado pelo governo do país.



ELSA BORTOLINI/JU

“É fundamental desenvolver novas tecnologias a fim de mapear o que ainda não foi visto nos oceanos”



# A vida está no oceano

**Preservação** Aos 76 anos, a oceanógrafa Sylvia Earle alerta sobre a inadiável preservação do coração azul da Terra

Jacira Cabral da Silveira

Onde está a vida na Terra? No oceano. A resposta é óbvia e rápida para Sylvia Earle, oceanógrafa norte-americana que esteve em Porto Alegre no final do mês de setembro para participar do seminário Fronteiras do Pensamento, no Salão de Atos da UFRGS. Reconhecida mundialmente por suas expedições marinhas – já foram cerca de 7 mil horas debaixo d’água –, Sylvia é exploradora da National Geographic Society e lidera um movimento internacional para a criação e expansão de áreas marinhas protegidas. Em 2009, foi homenageada com o prêmio TED Prize em reconhecimento aos seus mais de 60 anos de luta pela preservação dos oceanos.

A paixão pelas profundezas oceânicas começou ainda na infância, quando mergulhou pela primeira vez aos três anos de idade: “Fui cativada pelas criaturas e pela imensidão do mar. O oceano tem a maior diversidade e abundância de vida de toda a Terra. E, mesmo sendo criança, sabia que queria fazer alguma coisa com as plantas e animais marinhos”. Com 12 anos, mudou-se com a família de Nova Jersey para a Flórida: “Meu quintal tornou-se o Golfo do México”, comentou em entrevista para o site da Academy of Achievement.

Mas sua primeira oportunidade de mergulhar mais fundo veio como

estudante de Harold Humm, professor de Biologia Marinha: “Eu tinha 18 anos e estava no Golfo do México. O barco foi ancorado a cerca de cinco milhas da costa e a profundidade da água era de 15 pés. Tínhamos dois tanques de mergulho, e eu não queria voltar, queria ficar ali mesmo”. Foi com Harold que Sylvia concentrou sua atenção nas plantas marinhas, vindo a desenvolver intensa pesquisa nessa área.

**Aquanautas** – Nos anos 70, Sylvia liderou um grupo de aquanautas que viveu debaixo d’água por semanas seguidas: “Enquanto os astronautas deixavam suas pegadas na Lua, em 1979 eu tive a oportunidade de deixar minhas pegadas no fundo do oceano”. Ela estava a 11km da costa e a 380m de profundidade. Desde então, a oceanógrafa já usou 30 tipos de submarinos e teve três empresas e uma fundação sem fins lucrativos, a Deep Search, para projetar e construir sistemas para acessar mares profundos.

Em sua conferência no Salão de Atos da UFRGS, Sylvia contou que durante cinco anos liderou uma expedição da National Geographic nos mares sustentáveis: “Ainda restam 10% dos tubarões, 10% dos atuns, as garoupas e outros tipos de peixes não desapareceram totalmente ainda. O conhecimento que foi acumulado e sua disseminação nos

forneceram novas ferramentas que nos dão esperança”.

Por outro lado, ela critica a devastação causada por dragas industriais que estão raspando o fundo do mar como se fossem tratores. Nos últimos 50 anos, segundo a oceanógrafa, foram exterminados 90% dos grandes peixes que existiam, e metade dos recifes de coral desapareceram por falta de oxigênio em grandes áreas do Pacífico.

“Isso deve preocupar não apenas pelas criaturas que estão morrendo, mas também por cada um de nós”, alerta. Segundo ela, 95% das populações de espécies como o bacalhau e o atum-azul já foram eliminadas; metade dos corais de águas rasas está em declínio desde os anos 1950; mais de 400 “zonas mortas” – regiões asfixiadas por poluentes à base de nitrogênio, vindos da terra firme, já se formaram em áreas costeiras no mundo todo. De acordo com seus estudos, o excesso de gás carbônico produzido pela queima de combustíveis fósseis e absorvido pelos oceanos vem mudando a química marinha em escala global, tornando a água mais ácida e prejudicando a vida de corais, moluscos e micro-organismos que formam carapaças de calcário – ironicamente, os principais responsáveis por sequestrar e fixar esse mesmo gás carbônico. “Há 15 anos, a acidificação dos oceanos não havia sido sequer prevista”, resume.

## Um alerta para o pré-sal

Em entrevista exclusiva ao Jornal da Universidade Sylvia Earle falou sobre os riscos da perfuração em áreas profundas como a do pré-sal e sobre a necessidade de investimentos mais equânimes na produção de energia, que hoje privilegia a exploração do petróleo em detrimento de alternativas limpas.

### Qual o melhor lugar para estudar Oceanografia ou áreas afins?

Depende do nível em que você está. Se for um estudante em início de curso, qualquer universidade pode lhe dar um bom suporte em Biologia, Geologia, Química, Física, etc., porque o oceano engloba todas essas coisas. Se você quiser realizar pesquisa, há vários lugares, como o Instituto Oceanográfico Woods. Essa instituição, que combina diferentes áreas do conhecimento, tem uma parceria com o Massachusetts Institute of Technology (MIT). Outro lugar nos EUA é o Scripps Institution of Oceanography, que faz parte do sistema universitário californiano. No Reino Unido, existe o Laboratório Climes; na Austrália, há diversas universidades, como a James Cook University. Mas tudo depende da área de interesse do estudante, pois existem várias opções, como oceanografia física ou biológica. Existe uma espécie de guia que mostra onde estão essas universidades para quem deseja estudar oceanografia pelo mundo, mas eu acredito que o melhor de todos os laboratórios é o próprio oceano. O Brasil é abençoado com 8 mil quilômetros de área costeira, um oceano muito rico, no qual as pessoas podem mergulhar e fazer muitas descobertas.

### Como a senhora analisa os orçamentos mundiais destinados às pesquisas em sua área?

O comprometimento com a ciência é tristemente abandonado, e isso ocorre no mundo inteiro, embora venha aumentando e a iniciativa privada preencha uma grande brecha nessa questão. Muito do que temos avançado nesse sentido deve-se às pesquisas desenvolvidas por empresas de exploração petrolífera. Precisamos entender por que explorar o oceano, entender quem vive lá. Essa tentativa de compreensão é que nos faz humanos. Precisamos entender a natureza do mundo – essa é uma grande questão e um grande desejo do ser humano. Cada centavo de investimento é aplicado para responder a perguntas como essa, e precisamos de muito suporte para isso. Principalmente nesse momento de cruzilhada, no qual podemos ver o impacto da ação humana sobre o mundo, sobre aquilo que nos deixa vivos, e que atingiu um nível perigoso. Precisamos

entender o que são essas coisas que estamos perdendo, pois todo pequeno conhecimento é importante para nos manter vivos.

### A costa do Brasil é imensa, e com a descoberta de petróleo na camada do pré-sal aumenta ainda mais a responsabilidade ambiental do país nessa área. Qual sua avaliação nesse sentido?

Acredito que a Petrobras e outras empresas petrolíferas estejam avançando para uma área do oceano em que é muito difícil trabalhar, em que nunca se trabalhou antes. Existem muitas coisas que desconhecemos sobre os impactos nessas áreas inexploradas. Mal conseguimos avaliar os problemas que causamos na Terra. Quando uma empresa vai explorar uma mata, podemos medir os impactos, podemos fazer isso de forma consciente ou não, depende da empresa, mas no mar os lugares ainda são pouco explorados, e seria importante que, antes de qualquer perfuração nessas áreas mais desconhecidas, se retirasse amostras para que possa entender e estudar o que existe a uma ou duas milhas de profundidade. Sabemos que tem óleo, mas o que mais tem lá? Sabemos que onde existe água tem vida, e existem micróbios que habitam esses reservatórios de óleo. Temos de colocar na balança o que conhecemos e o que desconhecemos e como vamos preencher essa brecha do que não sabemos ainda. É inaceitável a desigualdade de investimento em pesquisa em áreas como a exploração do petróleo e a exploração de energias limpas. O investimento devia ser igualitário nos diferentes tipos de geração de energia. Em vez de investir tanto na investigação nesses lugares difíceis de atingir, poderíamos financiar fortemente a geração de energia solar, por exemplo. Temos de considerar nossa extrema ignorância a respeito das consequências dessas explorações. Não é que não devamos fazer isso, mas que o façamos de olhos bem abertos. Investir apenas naquilo que conhecemos é muito limitado, a exploração do petróleo é muito limitada. A queimada do óleo, por exemplo, traz impactos que não sabemos consertar, e suas reservas não são eternas.

### A senhora ainda mergulha à noite?

É claro, dia e noite, a toda hora, em qualquer lugar. Mas passo boa parte do meu tempo em aviões (risos). Tenho escritório e um apartamento em Washington, uma casa na Califórnia, que é onde meus filhos, meus netos e meus filhos vivem. Tenho também uma casa na Flórida que pertencia aos meus pais, e qualquer lugar no oceano é minha casa.

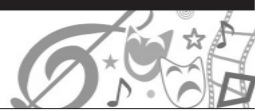
**Coração azul** – Entre as organizações que a especialista lidera está a Exploração do Oceano Profundo e Pesquisa (DOER), fundada em 1992 para projetar, operar, dar apoio e consultas sobre veículos tripulados e sistemas robóticos submarinos. Ela também está à frente do movimento Aliança SEA, comprometido com a criação e expansão de áreas marinhas protegidas, conhecidas como “spots esperança”. Sylvia e outros cientistas do mundo inteiro já visitaram 99% do oceano para procurar pontos de esperança e tentar encontrar formas de dar a eles e a nós um futuro melhor.

Por meio das ações do SEA, o grupo de investigadores busca sensibilizar a opinião pública sobre a necessidade urgente de proteger o oceano. “Hoje existem 4 mil lugares no mundo em que há algum tipo de proteção do mar e que podem ser conferidos no Google Earth” – programa de computador que apresenta um modelo tridimensional do globo terrestre, construído a partir de imagens de satélite, comenta Sylvia. Apaixonada pelo tema, ela incentiva as pessoas a fazerem uma viagem por águas profundas pelo Google Earth.

De acordo com Sylvia, nos últimos três anos os EUA protegeram 547 mil km<sup>2</sup> de oceano, aumentando apenas de 0,6 para 0,8 o percentual de oceanos protegidos em todo o globo. Ela salienta

ainda que essas regiões protegidas realmente se recompõem, mas observa que leva tempo para o desenvolvimento de peixes que podem chegar a 50 anos ou de lagostas, que chegam a 200 anos. Por isso, alerta: “Da próxima vez que jantar *sushi* ou *sashimi*, ou um filé de peixe espada, ou um coquetel de camarão, pense no custo real de cada quilo que chega ao mercado: mais de 10 quilos, até 100 quilos, são jogados fora como descarte. Essa é a consequência de não se saber que existe um limite do que pode ser retirado do mar”.

Conforme a cientista, é fundamental o desenvolvimento de novas tecnologias para mapear, fotografar e explorar o que ainda não foi visto nos oceanos. “Precisamos de submarinos para águas profundas, novas tecnologias para explorar o fundo do mar”, diz. Ela revela seu desejo de que as pessoas usem de todos os meios à sua disposição – filmes, expedições, a internet, novos submarinos, campanhas – para conquistar o apoio público para a formação de uma rede global de áreas marinhas protegidas, espaços de esperança grandes o suficiente para salvar e recuperar o oceano, o coração azul do nosso planeta. “Quanto?”, pergunta. “Alguns dizem 10, outros dizem 30%”, responde. “Mas é você que decide o quanto do seu coração você vai proteger”. Para Sylvia, o oceano é o coração azul da Terra.



FLÁVIO DURFINA/JU

“Escrever é imaginar uma segunda vida”

## Orhan Pamuk Romancista turco ganhador do Nobel fala sobre sua obra, a literatura e o papel do escritor, o futuro dos livros e a atual situação de seu país natal

Everton Cardoso

O escritor turco Orhan Pamuk é hoje um dos maiores e mais reconhecidos romancistas vivos. Ganhador do prêmio Nobel de Literatura em 2006, escreve histórias que lidam frequentemente com a aproximação – ou tensão – entre o Oriente e o Ocidente. Originário de uma família relativamente privilegiada de Istambul, o pequeno Pamuk vivenciou o período de transição do Império Otomano – desintegrado em 1922 – para a República Turca atual. Em seu livro intitulado *Istambul faz um apanhado dessas memórias da infância e da juventude e narra a vida de sua família, as mudanças por que sua cidade natal e seu país passaram, os lugares em que viveu e o começo de sua carreira como escritor. É autor de mais doze livros, entre romances e memórias. Sua*

*obra mais recente é O romancista ingênuo e o sentimental, relato de conferências proferidas por ele em 2009 na tradicional e prestigiosa Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, sobre suas crenças a respeito do gênero literário que o tornou mundialmente conhecido. O escritor turco esteve em Porto Alegre para o lançamento de sua obra e para encerrar o ciclo de palestras Fronteiras do Pensamento. Ele falou, então, a um grupo de jornalistas sobre suas ideias a respeito da literatura, sobre as consequências do crescimento econômico de países antes periféricos na produção literária, sobre o impacto da internet e das novas tecnologias sobre o mercado livreiro e também sobre o atual momento vivido pelas nações árabes e islâmicas.*

### Escritor e memórias

“Antes de começar como escritor, dos sete aos 22 anos, meu projeto era me tornar pintor. Mas, de repente, a minha vida tomou outro rumo: parei de pintar; depois, cheguei a estudar Arquitetura na faculdade, mas abandonei e comecei a escrever. Já naquela idade, aos 23 anos, eu sabia que a rotina do trabalho de escritório não era o que eu queria. Eu desejava estar sentado sozinho numa sala, sonhando com algo. Escrever é imaginar uma segunda vida na literatura. É como fazer uma espécie de modelo em miniatura da vida real. Ser um escritor significa brincar ou fazer comentários usando a inteligência sobre a primeira vida, a real. Morei quase sempre em Istambul. Quando vivemos assim, não percebemos as mudanças que acontecem. Eu só me dava conta de que eu era de Istambul quando meus livros eram publicados no exterior. Como todos os autores, não escrevi conscientemente sobre minha cidade, mas sobre a humanidade. Escrevi sobre o lugar em que morava porque me deparei com a humanidade lá. Perguntar-me qual é meu olhar sobre Istambul é a mesma coisa que me perguntar qual é meu olhar sobre a vida. Não sei bem, estou tentando descobrir através dos meus livros. Sou autodidata e tenho 35 anos de prática como romancista, que combino com a teoria que encontro em livros. Essa é a mágica da minha vida: conseguir ler muitos livros; ler o que escrevo; e me chamam para dar palestras!”

### Literatura emergente

“Há um novo romance mundial surgindo na atualidade por causa dos problemas com os quais a literatura se depara quando países antes periféricos como Brasil, Turquia, México e China se tornaram mais ricos. Até agora, acreditava-se que a alta literatura era produzida nos Estados Unidos e na Europa, mas esse quadro está mudando. A arte do romance é urbana e burguesa, e nesses países emergentes uma nova classe burguesa está surgindo. Esses países estão ficando mais ricos, e está surgindo uma nova humanidade. É claro que nem todo mundo está se beneficiando igualmente dessa riqueza que está sendo produzida, mas há uma parcela que está ascendendo. Como é que a gente vai expressar esse sentimento? Até que ponto somos diferentes ou iguais aos antigos centros que produziam a literatura mundial? Estive em São Paulo e visitei a Pinacoteca do Estado. Lá vi toda uma série de quadros de vários pintores brasileiros dos anos 1920 e 1930. Percebe-se, nessas obras, que eles foram claramente influenciados por grandes pintores europeus. É claro que nós somos influenciados pela tradição europeia, e é bom ser influenciado dessa forma. Mas o aspecto importante é termos condições de estabelecer o equilíbrio entre essa influência externa e o conteúdo da cultura local. A cultura islâmica não está em contradição com os valores europeus.”

### Internet e livros

“Logo que surgiu a internet, todos os escritores e todas as editoras começaram a falar sobre as mudanças nas regras do jogo, principalmente a distribuição das margens de lucro. Tudo está mudando rapidamente, é uma revolução! Para dar o exemplo: um agente literário me disse no ano passado que não me preocupasse porque as versões eletrônicas dos meus livros, os e-books, nunca passariam de 15% do total das vendas. Agora, ele acaba de me dizer que chegaram a 30%. É muito difícil fazer uma previsão do futuro, mas por causa dessas mudanças, os livros se tornarão mais baratos. Os textos serão mais baratos e serão lidos por um maior número de pessoas. Mas quem é que vai se beneficiar e quem é que vai perder? A Internet é como o mar: encontramos de tudo lá; ninguém sabe o que é bom ou ruim, verdadeiro ou falso. É por isso que continuamos precisando de editores de livros e revistas que façam uma seleção, que nos deem referência. A rede realmente é muito boa para as pessoas que querem expressar a sua opinião e não conseguem publicar os seus textos. É claro que ainda existem a chamada alta cultura – com editores e escritores famosos – e a baixa cultura – que é o sujeito sentado em casa escrevendo em um blog. A revolução tecnológica mistura esses dois níveis e vai fazer com que algo novo surja a partir disso. Sou otimista.”

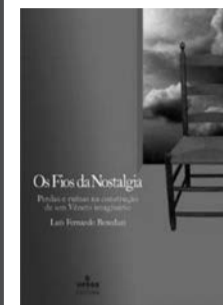
### Ocidente e Oriente

“Estou feliz com tudo o que está acontecendo no Oriente Médio, porque algumas nações estão recuperando e reavendo a sua dignidade. Todos nos lembramos de como é ruim a sensação de sermos governados por ditadores. Os povos árabes tiveram essa experiência, sentiram essa sensação de frustração, de raiva, e por isso fizeram a sua revolução. Mas nesses países o exército ainda está no comando e, quando as forças armadas não estiverem mais no governo, os islâmicos radicais podem tentar ocupar o poder. Espero que as forças democráticas se juntem e tenham uma presença forte. Estou cansado dessa alternância entre os autoritarismos militar e islâmico. No sentido de aproximar-se do Ocidente, houve negociações entre a Turquia e a União Europeia, principalmente em 2005 e 2006. Agora a União Europeia (UE) está com seus próprios problemas, não existe mais tanta disposição de aceitar um novo membro. A Turquia, por sua vez, está passando por um processo de crescimento econômico, está ficando mais rica. Então, a ideia de se tornar membro da UE está enfraquecendo, mas essa conjuntura naturalmente vai mudar. Talvez um dia os povos da Europa e da Turquia venham a querer novamente essa união, mas isso é uma coisa que não vai acontecer tão cedo.”

## JU indica

### Os fios da nostalgia: perdas e ruínas na construção de um Vêneto imaginário

Luís Fernando Beneduzi  
Ed. UFRGS, Porto Alegre,  
2011, 232 págs.  
R\$ 30 (valor médio)

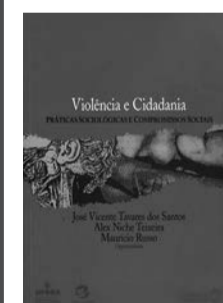


Complexa e aprofundada seriam dois adjetivos menores para a obra de Luís Fernando Beneduzi, professor da Università Ca' Foscari Venezia,

mestre e doutor em História pela UFRGS. Ele reconta e problematiza um fenômeno que nós, gaúchos, tendemos a julgar conhecermos bem: a imigração italiana para a Serra do Rio Grande do Sul. No entanto, o olhar do pesquisador se volta para um sentimento: a nostalgia pela terra deixada além-mar. “Aquele que viu/viveu e que rememora o visto/vivido constrói memória, ao relembrar o passado, colorindo-o, dando a ele cores próprias, porém sempre relativas à sua experiência vivida. Nesse sentido, a tradição oral é um eficaz meio de transmissão dos acontecimentos de outrora.” Os fios que tecem essa nostalgia são classificados pelo autor como a tradição, a superstição, as fábulas, os hábitos de sociabilidade e, por fim, a teia de memórias e imagens que se construiu no Vêneto do século XIX e que será, mesmo que refigurada, transportada para o solo frutífero e rentável do nosso estado. Antes, porém, Beneduzi traz o contexto histórico, econômico e político do norte do país europeu entre 1797 e 1870, data anterior ao êxodo. O primeiro capítulo do livro se dedica ao que o pesquisador chama de “radiografia” das diversas facetas do poder, na Península Itálica, nesse século de transformações”. Esse exercício do autor em perceber como se deu a transmutação do imaginário social vêneta para a região serrana gaúcha traduziu-se em uma obra rica, que conta “causos” e recria um universo em que só quem estaria imerso poderia compreender. Mais do que uma publicação histórica, trata-se também de um estudo antropológico. (Caroline da Silva)

### Violência e cidadania: práticas sociológicas e compromissos sociais

José Vicente Tavares dos Santos, Alex Niche Teixeira e Maurício Russo (orgs.)  
Ed. UFRGS, Porto Alegre,  
2011, 533 págs.  
R\$ 45 (valor médio)



A obra reúne trabalhos de 23 autores, produzidos ao longo das últimas décadas, compondo um conjunto de interpretações sobre “violência e cidadania”.

O livro traz como contribuição a criação da categoria “sociologia das conflitualidades” – marca das descobertas teóricas do grupo de pesquisa, que busca romper o círculo vicioso violência-medo-violência. No texto de introdução, o professor José Vicente Tavares destaca que, na atualidade, uma sociologia das conflitualidades deve ser situada no contexto dos efeitos do processo de mundialização da sociedade e da economia, os quais produzem transformações na estrutura e no espaço social das diversas regiões do planeta. Essas mudanças, por sua vez, desencadeiam novos conflitos sociais e novas formas de conflitualidades. (Ânia Chala)



Mohsen Makhmalbaf vive na clandestinidade com sua família



# Um espelho para os iranianos

**Sétima arte**  
**Cineasta busca mostrar a seu povo que numa sociedade em que existem dogmatismos há ditadura**

Jacira Cabral da Silveira

Há sete anos, um dos cineastas iranianos mais populares e influentes de sua geração vive na clandestinidade com a esposa Marziyeh e as filhas Samira, Maysan e Hana. Por alguns dias, entre os meses de outubro e novembro deste ano, Mohsen Makhmalbaf saiu do anonimato para participar de uma série de atividades no Brasil. Esteve em Porto Alegre no final de outubro, falando aos participantes do seminário Fronteiras do Pensamento.

Mais do que a respeito de linguagem e técnica cinematográfica, ele conversou sobre a ação política de produzir filmes, especialmente no caso dos cineastas do Irã, que são perseguidos e ameaçados dentro e fora do país pelo 'crime de fazer cinema'. Isso acontece desde que os aiatolás tomaram o poder, em 1979, com a revolução fundamentalista: "Filmar ficou muito mais difícil", diz Mohsen, "antes, censuravam os filmes, mas não prendiam nem torturavam os cineastas, e as atrizes não eram açoitadas na prisão".

De acordo com Mohsen, semanas antes de sua viagem ao Brasil, mais de 50 cineastas, documentaristas e produtores iranianos foram presos, seus passaportes foram apreendidos e seriam condenados, caso enviassem algum filme para concorrer em festivais no exterior. Para atrapalhar a divulgação dos filmes no circuito internacional, o regime de Mahmoud Ahmadinejad criou ainda mecanismos, como oferecer dinheiro ao Festival de Roma para que o filme de

Mohsen *Sex & Philosophy* não fosse exibido.

Mas para quem permanece no Irã e insiste em filmar o destino invariavelmente é mais cruel, como o dos diretores de *Isto não é um filme*, Jafar Panahi e Mojtaba Mirtahmasb. Este foi assistente de Mohsen e hoje está em uma solitária sem que ao menos sua mulher possa vê-lo. Panahi ficou um tempo em prisão domiciliar, mas foi condenado novamente e voltará para a cadeia, devendo ficar impedido de filmar por 20 anos. Em *Isto não é um filme*, eles mostraram o impacto da repressão iraniana com filmagens restritas ao interior de uma casa, como num esquema de guerrilha.

Atrizes iranianas também são presas e torturadas. Uma delas, Marziyeh Vafahmer, foi condenada a um ano de reclusão e a 80 chibatadas por participar de um filme e porque seu cabelo estava aparecendo bem mais do que devia durante as gravações. A produtora Katayoun Shahabi, que é casada e tem dois filhos, está na solitária de uma prisão iraniana, incomunicável.

Assim como Mohsen, ativistas iranianos pelos direitos humanos têm denunciado o regime violento de Ahmadinejad. Mina Ahadi vive há quase 14 anos na Alemanha e não revela nem aos amigos seu endereço. Em entrevista à revista *Veja* no início deste ano, ela denunciou muitas das atrocidades que estão ocorrendo em seu país. Segundo ela, desde janeiro, a média no Irã tem sido de uma execução a cada oito horas: "As prisões estão lotadas. Há, inclusive, crianças e adolescentes aguardando fazer 18 anos para serem executados. Praticamente todos os dias eu recebo chamadas de condenados me pedindo ajuda", encerra.

O próprio cineasta foi vítima de atentado quando uma bomba plantada pelo serviço secreto iraniano explodiu durante as gravações do filme *Two Legged Horse*, de sua filha Samira Makhmalbaf, matando um técnico da produção. Mais por suas filhas e esposa, Mohsen conserva em sigilo absoluto o lugar onde mora: "Somos um grupo que vamos de um lugar a outro, tentando fugir do regime do Irã".

## Cinema vigoroso

Foram algumas poucas horas de conversa no jantar, quando Jorge Furtado pôde se reunir com o colega Mohsen, durante a 35.ª Mostra Internacional de Cinema, de 21 de outubro a 3 de novembro, em São Paulo. O tema do encontro, entretanto, não priorizou o trabalho com cinema, mas o modo como o povo iraniano tem vivido sob o regime teocrático, com a imposição de normas e costumes à sociedade.

No dia 10 de outubro, Furtado publicou em seu blog uma carta aberta à presidente Dilma Rousseff em solidariedade ao povo iraniano, em especial aos cineastas e artistas: "Escrevo para lhe falar de justiça, de democracia e também de cinema. Eu não sei se a senhora conhece o trabalho do cineasta iraniano Mohsen Makhmalbaf. Ele tem uma história parecida com a sua: lutou corajosamente contra uma ditadura em seu país e por isso foi preso".

Dias antes, um grupo de 26 cineastas, produtores e atores internacionais dirigiram um manifesto ao governo brasileiro, pedindo que o país, nas próximas reuniões da Assembleia Geral da ONU, defenda os direitos de cineastas, jornalistas e professores universitários bahá'is presos no Irã e peça sua imediata soltura. Juntamente com Furtado, assinaram o documento os cineastas Atom Egoyan, Beto Brant, Daniela Thomas, Frederic Boyer, Guido Chiesa, Hector Babenco, Lais Bodanzky, Lucia Murat, Mohsen Makhmalbaf e Walter Salles.

O diretor teatral Antunes Filho e Renata de Almeida, diretora da Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, também assinam o documento em inglês, intitulado "Manifesto em apoio aos cineastas, produtores, jornalistas e professores universitários encarcerados no Irã".

Essas manifestações vêm ao encontro do desejo de Mohsen, verbalizado na entrevista coletiva que deu em Porto Alegre antes

de sua participação no seminário Fronteiras do Pensamento, realizado na noite do dia 31 de outubro: ele propôs a constituição de um movimento semelhante ao Médicos sem Fronteiras, que levaria a insígnia Cineastas sem Fronteiras.

Quanto ao teor da obra do cineasta iraniano, Jorge o definiu como vigoroso: "Ele e Abbas Kiarostami fazem um cinema inovador de importância internacional". Para o diretor gaúcho, Mohsen brinca com os limites da linguagem cinematográfica, simulando uma aproximação entre o real e o surreal, misturando ficção e realidade: "Mas os filmes dele não têm nada de surreal".

Para ilustrar, Furtado cita *Instante de Inocência*, produção de 1996 que retrata momentos da vida do diretor. O filme conta a história de um casal de adolescentes apaixonados que desejam fazer a revolução para derrubar o regime do xá. O rapaz acaba preso por ferir um policial e nessa condição fica por três anos. Depois de libertado, tornar-se um cineasta de renome e, ao selecionar atores para filmar essa história, um dos candidatos é o próprio policial que ele alvejara no passado. O cineasta então decide reconstituir os eventos que ligaram os dois, fazendo novas descobertas. "A gente vê no filme ele fazendo o próprio filme", comenta Jorge.

Quando esteve em São Paulo, Mohsen acompanhou a projeção de *Dias Verdes*, de sua filha Samira. A produção apresenta as manifestações que se seguiram à eleição fraudulenta de Ahmadinejad, em 2009, e a brutal repressão aos protestos da população. São registros documentais das manifestações e trechos encenados em que uma garota deprimida ensaia com um grupo de teatro. "Samira começou a fazer o filme sobre o grupo de teatro que aparece no filme. Porém, à medida que as pessoas foram às ruas manifestar seu apoio a Mousavi, ela levou a câmera até lá", conta Mohsen.

## Histórias de pai e filha

Além de *Um instante de inocência* e *Dias Verdes*, o cineasta Jorge Furtado destaca alguns filmes da obra de Mohsen e Samira, e que podem ser encontrados em locadoras:

**A caminho de Kandahar (2001)** – Jovem afegã que fugiu de seu país em meio à guerra civil dos Talibãs para trabalhar como jornalista no Canadá resolve retornar ao Afeganistão a fim de tentar salvar a irmã mais nova. Esta lhe envia uma carta anunciando o propósito de se suicidar antes da chegada do próximo eclipse solar. Fonte: [www.usp.br/prc/caminhos](http://www.usp.br/prc/caminhos)

**Salve o cinema (1995)** – O diretor Makhmalbaf anuncia no jornal um teste para a seleção de atores de seu próximo filme. Comparece uma multidão. Belíssima homenagem

realizada por ocasião das comemorações do centenário do cinema em que o cineasta desnuda o fascínio dos iranianos pela Sétima Arte ao simplesmente registrar alguns testes feitos com cidadãos comuns. Fonte: [www.seufilmeemcasa.com.br](http://www.seufilmeemcasa.com.br)

**Gabbeh (1996)** – Proibida de juntar-se ao seu grande amor, uma jovem iraniana tem seus desejos e fantasias representados na forma de coloridos *gabbehs*, os rústicos tapetes iranianos, mundialmente admirados. Gabbeh também é o nome da heroína, e ela é o fio condutor da narrativa, com personagens que parecem conversar com os fios como se eles tivessem o poder de determinar o destino das pessoas. Fonte: [www.cultvideo.com.br](http://www.cultvideo.com.br)

**A maçã (1998)** – Duas irmãs gêmeas

ficaram aprisionadas em casa por onze dos seus treze anos de vida e foram libertadas após uma denúncia feita pelos vizinhos e publicada nos jornais. Samira Makhmalbaf, então uma menina de 18 anos, decide filmar o processo de libertação e adaptação das irmãs à vida social. Fonte: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/>

**Às cinco da tarde (2003)** – Após a queda do regime talibã no Afeganistão, as mulheres podem voltar a cursar escolas. Jovem vai à escola escondida de seu pai. Na escola é realizado um debate entre jovens que sonham se tornar presidente do Afeganistão, o que faz com que ela passe a sonhar com a ideia. Entretanto, precisa lidar com a dura realidade do seu país, que inclui sua cunhada Leylumah e o bebê dela, que não têm o que comer.

Redação Caroline da Silva | Fone: 3308-3368 | Sugestões para esta página podem ser enviadas para [jornal@ufrgs.br](mailto:jornal@ufrgs.br)

## DESTAQUE



Docemente pornográficos fica em cartaz em janeiro na CCMQ

## Relações em debate

**Teatro** Montagem de alunos do DAD integra a programação do Porto Verão Alegre

Tendo o tango como propulsor, estreia em 13 de janeiro a peça *Docemente pornográficos* na Sala Cecy Frank da Casa de Cultura Mario Quintana. “Não existe dança mais sensual, romântica e sedutora do que o tango”, defende Leandro Ribeiro, que assina a direção do espetáculo. Trata-se do Estágio de Montagem I do estudante do 7.º semestre da graduação em Teatro e do Estágio de Atuação II de Fernanda Majorczyk, ambos orientados pela professora Adriana Mottola.

A montagem ainda é o tema do Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Teatro de Douglas Carvalho (ator e produtor), sob a orientação de Celina Alcântara, integrando assim as três habilitações existentes no Departamento de Arte Dramática da UFRGS. O estudo intitulado “A técnica vocal do cantor aplicada ao trabalho do ator: uma reflexão sobre a preparação vocal de *Docemente pornográficos*” teve ênfase na palavra. Conforme Leandro, o trabalho enfatiza a limpeza da fala dos atores, respeitando o texto, já que são recitados poemas no palco.

Os seis atores (Cláudia Barbot, Daiane Oliveira, Douglas Carvalho, Fernanda Majorczyk, Jordan Maia e Taylor Mendonça) encenam uma confraternização dionisíaca, na qual reconstruem três narrativas em que a sedução e o amor são os protagonistas. “O grande elo das histórias são as relações de amor e desejo, o modo como a sociedade usa o sexo para satisfazer seus desejos pessoais, salvar o casamento, ascender na carreira”, explica Leandro.

No palco em arena é reproduzido um clube, esse espaço secreto no qual as pessoas podem realizar suas mais loucas fantasias. Leandro diz que a arena permite que a plateia se sinta dentro desse clube. “Trabalhamos com o olhar e com os cheiros para trazer o público para dentro do nosso universo. Também usamos objetos cênicos, como cadeiras, tecidos, leques e vinho”, conta.

A dramaturgia foi construída a partir da obra poética de Carlos Drummond de Andrade (*O Amor Natural*), dos escritos teatrais de Heiner Müller (*Quartett*), do romance *Engraçadinha*, de Nelson Ro-

drigues, e do conto *Sargento Garcia*, de Caio Fernando Abreu. “Foram mantidos poemas eróticos de Carlos Drummond de Andrade, grande inspirador do trabalho. Tudo começou em um sarau erótico no DAD em 2009”, esclarece o diretor, que destaca ainda a presença de poemas de Mariana Freitas, atriz e colega de DAD, textos de Arnaldo Jabor e a influência de Choderlos de Laclos, autor de *Ligações Perigosas*. “Temos atores de variadas experiências; fomos buscando muitas referências”, comenta Leandro sobre o processo de criação.

O estudante deve se formar em Teatro pela UFRGS no final de 2012, pois os diretores precisam cursar nove semestres. Já os atores, caso de Fernanda Majorczyk, se graduam em oito semestres. As sessões são apresentadas pela Cia de Teatro Gato&Sapato até 22 de janeiro, sempre às 21h, com exceção das segundas-feiras. O espetáculo faz parte do Porto Verão Alegre, e os ingressos custam R\$ 20. A Sala Cecy Frank fica no 4.º andar da CCMQ e tem capacidade para 100 espectadores.

## CINEMA

## Festival Elvis Presley

A Sala Redenção apresenta em janeiro uma seleção de filmes do ídolo do rock das décadas de 1950 e 1960. Sessões com entrada franca.

**AMA-ME COM TERNURA** (*Love me tender*, EUA, 1956, 89 min), de Robert D. Webb

Após a Guerra Civil, jovem fazendeiro, supondo que seu irmão foi morto em combate, se casa com a namorada dele. Porém o “morto” retorna cheio de amargura. Sessão: 2 de janeiro, 16h



**O PRISIONEIRO DO ROCK** (*Jailhouse Rock*, EUA, 1957, 96 min), de Richard Thorpe  
Enviado para prisão depois de matar um homem acidentalmente, jovem decide cantar atrás das grades. Sessões: 2 de janeiro, 19h; 3 de janeiro, 16h

**CORAÇÃO REBELDE** (*Wild in the country*, EUA, 1961, 114 min), de Philip Dunne  
Elvis Presley interpreta um caipira rebelde com um raro talento literário. Sessões: 3 de janeiro, 19h; 4 de janeiro, 16h

**GAROTAS! GAROTAS! GAROTAS!** (*Girls! Girls! Girls!*, EUA, 1962, 98 min), de Norman Taurog  
Dono de um barco que ajuda turistas a embarcar em iates e navios vive atraindo belas garotas. Sessões: 4 de janeiro, 19h; 5 de janeiro, 16h

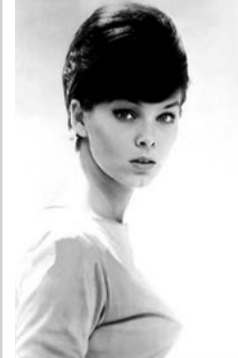
**EM CADA SONHO UM AMOR** (*Follow that dream*, EUA, 1962, 109 min), de Gordon Douglas  
Jovem, cuja família instalou-se em uma praia pública, não gosta de atrair a atenção. Sessões: 5 de janeiro, 19h; 9 de janeiro, 16h

**O O SERESTEIRO DE ACAPULCO** (*Fun in Acapulco*, EUA, 1963, 96 min), de Richard Thorpe  
Demitido de uma marina e contratado como guarda-costas e cantor, Elvis é paquerado pelas beldades locais e inspirado a pular de uma montanha de mais de 40 metros. Sessões: 9 de janeiro, 19h; 10 de janeiro, 16h

**ELVIS - AMOR A TODA VELOCIDADE** (foto) (*Viva Las Vegas*, EUA, 1964, 84 min), de George Sidney  
Em Las Vegas, piloto de corrida quer participar do 1.º Grande Prêmio da cidade, mas perde o dinheiro que usaria para comprar um motor. Ele então passa a trabalhar como garçom e se envolve com uma professora de natação que se sente incomodada pela obsessão que ele tem por corridas. Sessões: 10 de janeiro, 19h; 11 de janeiro, 16h

**NO PARAÍSO DO HAVAI** (*Paradise, Hawaiian Style*, EUA, 1965, 90 min), de Mihalael D. Moore  
Após ser demitido de empresas aéreas por ser muito namorador, um jovem piloto se associa a um amigo inaugurado um serviço de charter no Havaí, para levar os turistas aos lugares mais belos. Sessões: 11 de janeiro, às 19h; 12 de janeiro, 16h

**FERIADO NO HARÉM** (*Harum scarum*, EUA, 1965, 85 min), de Gene Nelson  
Elvis e a Miss América Mary Ann Mobley fazem uma dupla em um conto sobre o brilho e as noites nas arábias. Sessões: 12 de janeiro, 19h; 16 de janeiro, 16h



**LOIRAS, MORENAS E RUIVAS** (*It happened at World's Fair*, EUA, 1966, 105 min.), de Norman Taurog

A Feira Mundial de Seattle de 1962 é onde Elvis galanteia Yvonne Craig (Batgirl no Batman da TV). Sessões: 16 de janeiro, 19h; 17 de janeiro, 16h

**CANÇÕES E CONFUSÕES** (*Double trouble*, EUA, 1966, 92 min), de Norman Taurog  
Um caso de identidade trocada coloca Elvis e uma bela garota no enredo de uma tentativa de assassinato na Europa. Sessões: 17 de janeiro, 19h; 18 de janeiro, 16h

**MINHAS TRÊS NOIVAS** (*Spinout*, EUA, 1966, 93 min), de Norman Taurog  
Elvis interpreta um corredor determinado a manter-se ocupado em dirigir. Sessões: 18 de janeiro, 19h; 19 de janeiro, 16h

**MEU TESOURO É VOCÊ** (*Easy come, easy go*, EUA, 1967, 94 min), de John Rick  
Em seu último dia na Marinha, marinheiro descobre um barco afundado. Como civil, ele começa sua nova profissão: caçador de tesouros por conta própria. Sessões: 19 de janeiro, 19h; 23 de janeiro, 16h

**VIVA UM POUQUINHO, AME UM POUQUINHO** (*Live a little, love a little*, EUA, 1968, 88 min), de Norman Taurog  
Elvis interpreta um fotógrafo que vive uma vida dupla: trabalha para uma agência de publicidade conservadora e para uma picante revista masculina. Sessões: 23 de janeiro, 19h; 24 de janeiro, 16h



**O BACANA DO VOLANTE** (*Speedway*, EUA, 1968, 94 min), de Norman Taurog  
Elvis lidera Nancy Sinatra

em um conto sobre um corredor e uma agente da Receita Federal. Sessões: 24 de janeiro, 19h; 25 de janeiro, 16h

**CHARRO** (*Charro!*, EUA, 1969, 97 min), de Charles Marquis Warren  
Rapaz vai até a fronteira do México para atender um pedido de socorro de sua ex-noiva, mas descobre que caiu em uma armadilha. Sessões: 25 de janeiro, 19h; 26 de janeiro, 16h

**LINDAS ENCRENAS, AS GAROTAS** (*The trouble with girls*, EUA, 1969, 99 min), de Peter Tewksbury  
O gerente de um show itinerante nos anos 20 enfrenta dificuldades durante estadia em uma modesta cidade. Sessão: 26 de janeiro, 19h

## ONDE?

► **Ceclimar**  
Av. Tramandaí, 976 - Imbé, RS  
Fones: (51) 3627-1309 / 3627-5384  
E-mail: [ceclimar@ufrgs.br](mailto:ceclimar@ufrgs.br)

► **Galeria Olho Nu**  
Prédio 43322, IFCH - Câmpus do Vale  
Av. Bento Gonçalves, 9.500

► **MAC-RS**  
6.º andar da Casa de Cultura Mario Quintana  
Rua dos Andradas, 736  
Fone: (51) 3221-5900

► **Museu da UFRGS**  
Av. Osvaldo Aranha, 277  
Fone: 3308-4022

► **Sala Cecy Frank**  
Rua dos Andradas, 736 - 4.º andar da Casa de Cultura Mario Quintana  
Fone: 3221.7147

► **Sala Redenção**  
Rua Luiz Englert, s/n.º  
Fone: 3308-3933

► **Sala Verde da Praia**  
Av. Paraguassú, 576 - Centro Cultural e Lazer de Atlântida Sul  
Fone: 3663.8235

## CECLIMAR

Programação de verão do Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos (Ceclimar) da UFRGS. Todas as atividades têm entrada franca.

**CECLIMAR VAI À PRAIA**  
Datas: Imbé, 13 de janeiro e 10 de fevereiro; Tramandaí, 20 de janeiro e 17 de fevereiro; Atlântida Sul, 27 de janeiro e 24 de fevereiro; Arroio do Sal, 3 de fevereiro  
Horário: das 9 às 14h



**OFICINA - CURIOSIDADES DOS ANIMAIS MARINHOS**  
Ministrante: Danielle

Machado Pagani  
Data: 10 de janeiro  
Horário: 15h30min às 16h30min

**OFICINA - URGÊNCIA E EMERGÊNCIA**  
Ministrante: José Eliseu Feliciano Wollmann  
Datas: 12 de janeiro e 9 de fevereiro  
Horário: 15h30min às 16h30min

**OFICINA - ENTRE TERRA E ÁGUA**  
Ministrante: Natalia Peppes Gauer  
Data: 17 de janeiro  
Horário: 15h30min às 16h30min

**OFICINA - DIVERSIDADE DA VIDA**  
Ministrante: Caroline Moscone Fronza  
Data: 19 de janeiro  
Horário: 15h30min às 16h30min

**OFICINA - PERIGO NO MAR: LIXO**  
Ministrante: Camila Thiesen Rigon  
Data: 24 de janeiro  
Horário: 15h30min às 16h30min

**OFICINA - TUBARÕES: VILÕES OU VÍTIMAS**

Ministrante: GEPERGS - Bruna Lunardi e Ronaldo Nobre  
Datas: 26 de janeiro e 23 de fevereiro  
Horário: 15h30min às 16h30min

**OFICINA - CONHECENDO OS ANIMAIS MARINHOS DO NOSSO LITORAL**  
Ministrante: Luciana Fortuna Nunes  
Data: 31 de janeiro  
Horário: 15h30min às 16h30min



**OFICINA - SEGREDO DOS OCEANOS**  
Ministrante: Caroline Moscone Fronza  
Data: 7 de fevereiro

Horário: 15h30min às 16h30min

**OFICINA - CURSO DE OBSERVAÇÃO DE AVES**  
Ministrante: Giuliano Brusco  
Data: 14 de fevereiro  
Horário: 17 às 19h

**ECO-OFFICINA ARTE E SUCATA**  
Ministrante: Caroline Moscone Fronza  
Data: 16 de fevereiro  
Horário: 15h30min às 16h30min

**CRIANDO, BRINCANDO E APRENDENDO COM O MEIO AMBIENTE**  
Ministrantes: Viviane da Veiga Fausto e Bruna Lunardi Vieira.  
Datas: 18 e 25 de janeiro, 1.º e 22 de fevereiro  
Horário: 14h30min às 16h30min

**CAIU NA REDE É PEIXE - A PESCA CONSCIENTE**  
Ministrantes: Rede de Educação Ambiental do Comitê da Bacia do Rio Tramandaí.  
Datas: 11 de janeiro, 8 e 15 de fevereiro  
Horário: 14h30min às 16h30min

**PASSEANDO DE CAIAQUE NO CECLIMAR**  
Exploração da margem lagunar correspondente à área do Ceclimar com visita gratuita do Museu de Ciências Naturais e Centro de Reabilitação de Animais Silvestres e Marinhos.  
Datas: 14 e 28 de janeiro, 11 e 25 de fevereiro  
Local de saída: Ceclimar, próximo à ponte Giuseppe Garibaldi (Tramandaí-Imbé).  
Público: maior que 5 anos  
Entidade parceira: Expedições Jamboo

**AVENTURA E ECOLOGIA**  
Passeios de caiaque com visita ao Museu de Ciências Naturais e ao Centro de Reabilitação de Animais Silvestres e Marinhos do Ceclimar, além de trilha ecológica.  
Datas: 7 e 21 de janeiro e 4 de fevereiro  
Público: maiores de 5 anos  
Entidades parceiras: Farol da Terra e Expedições Jamboo

## EXPOSIÇÃO

## Memórias de Apollonia

Exposição realizada pelo Núcleo de Antropologia Visual (Navisual), em parceria com o Núcleo de História Antiga do IFCH, que exhibe documentação fotográfica, mapas e diversos artefatos romanos antigos, tais como fragmentos de ânforas, panelas, lamparinas e vidrarias. Os painéis apresentam o contexto do sítio arqueológico da cidade de Apollonia-Assurf, Israel, e a visão de todos os processos da arqueologia clássica em campo, bem como uma crônica da expedição científica. As fotografias ilustram o ambiente de escavações, às margens do Mediterrâneo, e a descoberta de uma villa romana e de toda a sua cultura material. Local: Galeria Olho Nu do IFCH  
Visitação: até 15 de janeiro de 2012, de segunda a sexta, das 8 às 21h  
Entrada franca



## A medida do gesto

Com curadoria e museografia realizada pela equipe de Laboratório de Museografia da UFRGS, coordenada pela professora Ana Albani de Carvalho, a exposição traz um panorama do acervo do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul. Mais informações em [www.macrs.blogspot.com](http://www.macrs.blogspot.com). Local: Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MAC-RS)  
Visitação: até 29 de janeiro de 2012, às segundas, das 14 às 19h,

de terça a sexta, das 10 às 19h, aos sábados, domingos e feriados, das 12 às 19h.

### Oretataypy: presença Mbyá-guarani no Sul e Sudeste do Brasil

Exposição organizada pelo Museu da UFRGS em parceria com o Núcleo de Políticas Públicas para os povos indígenas da Secretaria de Direitos Humanos e Segurança Urbana da Prefeitura Municipal de Porto Alegre (PMPA) e o Museu do Índio do RJ/Funai. Os visitantes irão conhecer a perspectiva Mbyá-guarani em relação ao mundo - sua cosmologia - e como isso se reflete em suas atividades cotidianas. Visitação: até 1.º de junho de 2012, de segunda a sexta-feira, das 9 às 18h (a partir do dia 16 de janeiro: nas segundas, abrirá somente ao meio-dia e, nas sextas-feiras, encerrará as atividades às 14h)  
Entrada franca

## Meu Lugar na UFRGS

FLÁVIO DUTRA/JU



### Caixa de surpresas

“Cada vez que eu desço aqui, tem uma coisa diferente. Acho muito legal essa rotatividade”, comenta Luiza Abrantes. Estamos em uma sala de tamanho médio no subsolo do Instituto de Artes (IA) da UFRGS, rodeados de pilhas dos mais diferentes objetos. São mesas, portas, cadeiras, luminárias e muitos outros materiais que não são mais utilizados pelos funcionários do prédio e aguardam recolhimento pelo Departamento de Patrimônio, para irem à leilão público. O ar carregado de poeira, característico de um ambiente sem janelas, nunca incomodou a estudante de licenciatura em Artes Visuais nas suas visitas ao lugar. Para Luiza, cada objeto abrigado ali conta um pouco da história do prédio e das pessoas que por ele passaram. “Isso aqui é uma caixinha de surpresas”, resume.

É por isso que ela considera um privilégio ter conhecido esse ambiente. A história começa em 2009, quando a estudante matriculada na disciplina de pintura do professor Renato Heuser decidiu fazer uma série de obras não figurativas (abstratas), usando como suporte grandes pedaços de madeira. Um fator importante para Luiza era que essas peças fossem do próprio IA. Na época, havia muitos contêineres de lixo na frente do prédio, e era dali que ela retirava alguns materiais: “Várias coisas eu não aproveitava, porque estavam muito sujas ou tinham cupins. O Renato brincava que ali era meu shopping center”.

Por sorte, o agente patrimonial da unidade, Francisco Paulo Gomes, o Chico, um dos responsáveis pelas chaves do depósito, soube do trabalho e resolveu ajudar. “Ele me mostrou o lugar e explicou que havia coisas ali que já tinham sido descartadas. Daí eu pude conseguir uns suportes maravilhosos para as pinturas, como restos de mesas e portas”, lembra Luiza. Como o acesso ao local é restrito, era Chico quem acompanhava a estudante nas suas “excursões” subterrâneas – cerca de quatro no total –, ajudando também a carregar as peças até o sétimo andar, no ateliê de pintura.

Durante nossa visita ao subsolo, Chico comenta que essa parte do IA já abrigou, anos atrás, uma marcenaria e um arquivo. Entretanto, por conta da insalubridade (não há ventilação) e após uma inundação, o lugar passou a ser usado apenas como depósito. O técnico explica que existe um processo em andamento na UFRGS para reformar o porão. A ideia é que, já no próximo ano, o local passe a abrigar parte dos livros da biblioteca. “Vai ser algo superbom, porque a nossa biblioteca, que atualmente é muito pequena, poderá aumentar seu acervo”, completa Luiza. A sala, no entanto, continuará podendo ser visitada por poucos, já

que apenas a bibliotecária poderá descer para retirar os materiais.

Sobre as pinturas que produziu, Luiza relata que foram obras “agressivas”, porque, além de serem feitas em suportes que chegavam a medir até dois metros e meio de altura, misturavam tinta com cartazes que a estudante recolhia na rua. “Eu usava a parte de trás do papel, que geralmente vinha com vestígios – sujeira, ferrugem – do lugar onde estava. Eu também não escondia as marcas na madeira. Se havia uma baita mancha no meio, eu não tentava mascarar, mas trabalhava em cima daquilo”, conta. Das cinco obras feitas, infelizmente, duas tiveram que voltar para o lixo devido ao ataque de cupins. A estudante expôs parte da sua produção no Instituto de Artes da UFRGS.

Escutando a história de Luiza, percebo que o carinho e o respeito que ela demonstra pelo IA vão muito além dessa série de pinturas. Quando entrou na Universidade, em 2008, ela também fazia, durante a noite, o curso de moda no SENAI. Com o passar dos meses, tomou uma decisão importante: “Eu percebi que me sentia mais feliz andando com abrigo e tinta na roupa”. Em 2010, o intercâmbio de seis meses na Universidade do Porto, em Portugal, trouxe não apenas novas perspectivas artísticas, mas também outra maneira de olhar o curso. “Eu vi que aqui as coisas acontecem de uma forma mais legal. Lá existe muita distância entre aluno e professor, mesmo entre os colegas. Para mim, foi muito difícil, porque no Instituto temos uma relação bem próxima com todos”.

Pergunto o porquê de ela ter escolhido o depósito como seu lugar na UFRGS, já que esteve lá tão poucas vezes em toda a sua trajetória acadêmica. “É porque marcou uma fase muito boa, bastante produtiva. Eu estava produzindo e pensando no meu trabalho, realmente mergulhada no IA.” No oitavo semestre, e com a formatura se aproximando, Luiza conta que tem criado pouco. Além das atividades na faculdade, ela dá aulas para vestibulandos que querem se preparar para a prova específica do curso de Artes Visuais. “Eu sempre quis ser professora, não me imagino fazendo outra coisa”, revela. Seu sonho? Tornar-se professora no Instituto de Artes.

**Daiane de David, estudante do 6.º semestre de jornalismo da Fabico**

Esta coluna resulta de uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas com as entrevistas aqui publicadas serão exibidos ao longo da programação do Canal 15 da NET diariamente, a partir das 20h10min.

### Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para [jornal@ufrgs.br](mailto:jornal@ufrgs.br) e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local

## Perfil



FLÁVIO DUTRA/JU

### Dançar conforme a música

#### Lígia Petrucci Das recordações de infância da coordenadora do Unimúsica vem a inspiração para a profissional

Everton Cardoso

Quem frequenta os shows do Unimúsica certamente já se deparou com a ligeira e delicada figura de Lígia Petrucci de um lado a outro pelo Salão de Atos. A produtora cultural e coordenadora do projeto, tal qual um regente à frente de um conjunto de instrumentistas, faz de tudo para que as coisas andem no ritmo certo e para que o resultado – o espetáculo – saia como o esperado. Licenciada em História pela UFRGS, Lígia iniciou sua trajetória na Universidade em 1989, quando fez concurso incentivada pela mãe.

Nascida em Bagé, veio para Porto Alegre aos 17 anos para entrar na faculdade. Chegada à capital em 1981, Lígia perdeu a inscrição para o vestibular da UFRGS e, então, iniciou sua graduação na PUCRS, onde estudou por um ano. Esses primeiros tempos foram de aprendizagem: participava da intensa programação cultural, mesmo sem companhia. “Sozinha, ia ao cinema, vinha assistir a shows no Salão de Atos antigo... Nos finais de semana em que ficava em Porto Alegre, sempre acabava fazendo alguma coisa”, conta. “Minha tia Sonia Piva, com quem eu morava na época, cursava Psicologia na UFRGS e ficava insistindo para eu prestar vestibular novamente”, relembra. Lígia fez a seleção, foi aprovada e trocou de universidade no ano seguinte. Na nova instituição, sentiu-se mais enturmada: “As coisas mudaram muito, porque até então eu não me achava na cidade”.

Estudante de História, Lígia não abandonou a dança. Quem a vê falar, porém, se surpreende quando ela revela qual o seu gênero predileto. O tom de voz meigo e os gestos delicados dão a impressão de que seria uma bailarina clássica, leve, saltitante sobre as pontas das sapatilhas. Ela, no entanto, conta que sua paixão não é bem essa: “Em Bagé, eu entrava e

saía do curso de balé clássico, até conhecer a dança contemporânea”. Já na capital, integrou a companhia Choreo, coordenada pela bailarina Cecy Frank, uma das precursoras do gênero no Rio Grande do Sul. “Depois acabei em outro grupo, com outras técnicas, e minha vida foi indo mais para a dança mesmo”, conta. E foi nessas novas aventuras que Lígia se apaixonou pelo flamenco. O típico bailado espanhol, marcado pelos fortes golpes do sapateado no chão, poderia ser contraditório com o jeito delicado da produtora cultural. Mas basta ver uma “bailaora” para se perceber a semelhança dos gestos das duas – como dizem os espanhóis, as mulheres que dançam flamenco têm “manos como palomas” (mãos como pombas), pela delicadeza e beleza dos movimentos que executam. Seduzida pela dança, foi perdendo aos poucos o encanto pelo curso de História.

**Conselho de mãe** – Há muito, ela tinha dúvidas em relação à opção profissional: apesar de não ter intensão de dar aulas, optou pela Licenciatura. “Minha mãe insistia muito para que eu fizesse bacharelado e para que optasse pela carreira acadêmica”, conta. Sylvania Petrucci, professora universitária em Bagé, queria que a filha seguisse seus passos. Concluída a graduação, porém, a jovem decidiu abandonar a História para dedicar-se à sua paixão. Lígia, então, dava aulas de dança flamenca e sonhava em ir à Espanha para aprimorar seu conhecimento – plano ainda não realizado. Em 1989, novamente a mãe lhe deu um conselho para a vida profissional: “Minha filha, abriu um concurso, acho que tem a ver contigo. Quem sabe experimentas? Sabes como é viver de dança no Brasil...” Na visão pragmática da mãe estaria o caminho de Lígia: ela obteve a única vaga para programadora cultural da UFRGS naquele concurso – cargo hoje de produtor cultural. “Fiz para ver como era e passei. Não esperava, foi um susto! Não me imaginava servidora pública naquele momento”, explica. Foi, então, que surgiu um conflito: como abrir mão da dança? Aos 25 anos, optou pela carreira na Universidade.

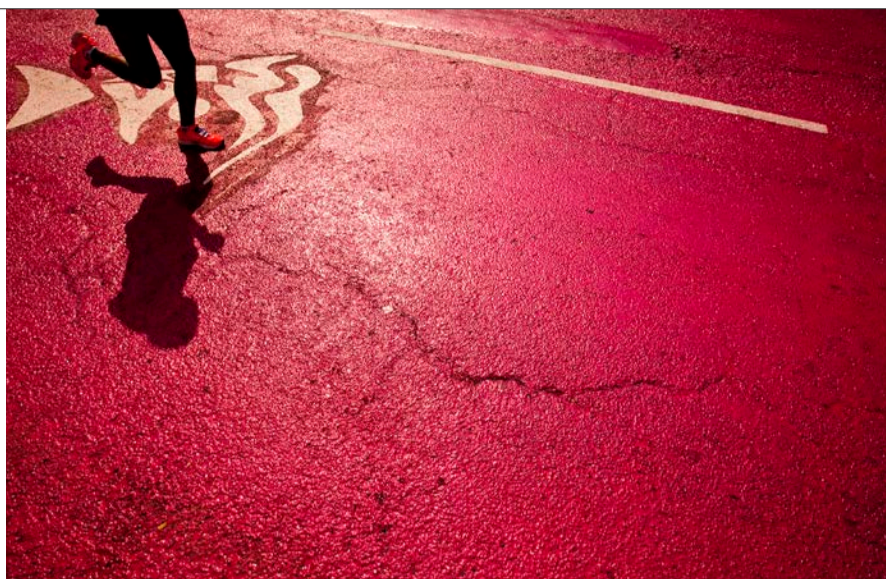
Depois de passagens pela sala Qorpo Santo e pelo Planetário – onde conheceu seu marido, o desenhista e músico Dudu Sperb –, Lígia começou a trabalhar no Departamento de Difusão Cultural da Pró-reitoria de Extensão em 1997. Ali ela se encontrou como produtora. “Naquele

momento, comecei na coordenação do Unicultura, programa que incluía vários projetos, que tinham seus coordenadores específicos. Eu os colocava em relação, fazia uma produção executiva”, relata.

Em 2000, para aperfeiçoar seu trabalho, Lígia fez uma especialização em política cultural. Durante um ano, morou em Paris com o marido e a filha – que então tinha cinco anos – e trouxe, além das amizades que fez, um aprendizado fundamental: “Foi uma experiência que contribuiu muito para reforçar a minha compreensão do trabalho do servidor público na área da cultura”. Para a produtora cultural, seu espaço de atuação é privilegiado, pois, apesar de algumas dificuldades, está pouco suscetível à lógica do mercado. Voltou para Porto Alegre um ano depois e, em 2004, iniciou o projeto Unimúsica no formato que prossegue até hoje, com as séries de concertos.

**Devaneios no ônibus** – A vida de Lígia é tranquila. Todas as manhãs é acordada pelo gato Chico Buarque – ritual que ela suspeita que cause um pouquinho de ciúme na filha Maria –, toma café da manhã e depois faz uma de suas coisas favoritas: pega o ônibus para ir ao trabalho. “Quando estou sendo transportada pela cidade, fico meio contemplativa, são devaneios”, justifica. Em casa, os passatempos preferidos são assistir a filmes em família e ler – *Viagem, espera*, do poeta Paulo Neves, é seu livro de cabeceira. Também gosta de caminhar pela cidade, principalmente para ir ao cinema e a espetáculos. “Adoro ir a um show só para sentar e assistir, sem ter que produzir nada, e gostar e ficar feliz. Eu adoro isso”, enfatiza.

As manhãs de domingo em Bagé, na região Sul do estado, são a recordação mais vívida e carinhosa para Lígia. Acordava com o pai, Frederico Petrucci, preparando o programa que mantinha na rádio Difusora da cidade natal. Na sala, com a eletrola, ele ouvia música clássica e ópera para escolher o repertório que apresentaria, retirado de sua discoteca pessoal. “Cresci ouvindo muita música em casa. Estava sempre ali por perto e dançava”, lembra com nostalgia. Do passado vêm, então, as referências para os gostos de Lígia – música e dança. De lá, também, vêm seus planos: “Adoraria estudar piano, ter um piano em casa. Quando me aposentar, eu vou fazer isso; e ter uma floricultura”, brinca. “Uma das coisas que eu adoro é fazer buquês!”

FOTOS **DANIEL MARENCO** DEPOIMENTO A **FLÁVIO DUTRA**

# Pan

DANIEL MARENCO, gaúcho de São Leopoldo, é repórter fotográfico da Folha de S. Paulo e foi escalado para a cobertura dos Jogos Panamericanos de Guadalajara, em outubro passado.

Nessa cobertura, tive a chance de fazer uma das coisas de que mais gosto e que acho mais desafiante, que é fotografar esporte. E fotografar com uma certa liberdade, porque o editor, antes de eu viajar, me tranquilizou: não precisava fotografar os pódios, as entregas de medalha, mas sim fazer coisas inusitadas, procurar ângulos diferentes. Se isso me dava um alívio de não precisar ter a foto do cara beijando a medalha, ao mesmo tempo era uma exigência... nem sempre se consegue ser criativo cinco vezes ao dia. Outra facilidade é o caderno para o qual eu estava fotografando, o Esportes. Acho que essa é a editoria com a qual eu tenho menos preocupação com o fechamento. Eles têm uma ótima leitura visual, ousam na imagem, gostam de coisas novas. E, com isso, até a minha edição do material fotográfico mudou, se tornou mais exigente.

Outra coisa que é muito legal numa cobertura dessas é o contato com fotógrafos que têm outras experiências, gente mais rodada, profissionais de agência que estavam ao meu lado e que só fazem esporte. Aí, eu dava aquela espiadela na tela do laptop deles para ver o que os caras estavam fazendo. Ou, no fim do dia, olhava as fotos publicadas para ver o que havia saído. Muitas vezes tomava pau, mas também via que "pô, gostei mais da minha, consegui resolver melhor". Além disso, interessante o bate-papo no jantar com um fotógrafo que havia sido sequestrado no Afeganistão, que tinha fotografado olimpíada, copa do mundo. É bacana estar ao lado de gente que já rodou bastante. Porque, daqui a um pouco, a gente vai sentar ao lado desse cara para fazer a chegada dos 50m da natação. E dá para pensar: "bem, a minha ideia de foto não tá ruim".

Sobre o trabalho, a equipe tinha dois repórteres e eu como fotógrafo. Nos reuníamos à noite para organizar o que seria a cobertura do dia seguinte. Em alguns casos, a imagem era prioridade. Se havia duas ou três coisas ao mesmo tempo, decidíamos por aquela em que a foto podia ser melhor. O fuso horário era ruim, algumas vezes a competição estava começando a esquentar em Guadalajara, e a edição nacional estava fechando em SP. Outro problema é que as instalações eram distantes umas das outras. Cheguei a perder 40 minutos em um táxi. E algo que pode parecer uma bobagem, mas que dava um trabalhão: cada vez que entrava num complexo esportivo, tinha que passar por um novo raio x, tirar tudo da bolsa, escanear.

Fiquei satisfeito com o que foi publicado, e meu editor também me deu um retorno positivo. Ainda assim, houve um caso no hipismo em que cheguei para fotografar e o Doda estava no final do treino. Só deu tempo para fazer uma imagem dele, montado. Depois, fiz um belíssimo ensaio sobre hipismo. Mas a foto que tinha que sair era a do personagem, dele em cima do cavalo, que certamente era a piorzinha. Em fotojornalismo, há que se aprender a lidar com a frustração...

